

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Olavo Bilac
A Defesa Nacional



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Olavo Bilac

A Defesa Nacional

(*Discursos*)

Revisão gráfica e atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1917.

Olavo Brás Martins dos Guimarães Bilac
(1865 - 1918)

“Projeto Livro Livre”

Livro 529



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com

PROJETO LIVRO LIVRE

*Oh! Bendito o que semeia
Livros... livros à mão cheia...
E manda o povo pensar!
O livro caindo n'alma
É germe — que faz a palma,
É chuva — que faz o mar.*

Castro Alves

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Olavo Bilac: “*A Defesa Nacional*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com
www.poeteiro.com

ÍNDICE

EM MARCHA!.....	1
O CANCRO.....	5
AO EXÉRCITO NACIONAL.....	8
À MARINHA NACIONAL.....	14
ORAÇÃO À BANDEIRA.....	16
NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS.....	18
AOS HOMENS DE LETRAS DE PORTUGAL.....	23
AOS ESTUDANTES MINEIROS.....	29
OS ESCOTEIROS.....	32
À LIGA DA DEFESA NACIONAL.....	37
NO RIO GRANDE DO SUL.....	39
AO POVO RIO-GRANDENSE.....	42
O NEGRINHO DO PASTOREIO.....	44
AOS ESTUDANTES DO RIO GRANDE DO SUL.....	48
O EXÉRCITO E A POLÍTICA.....	52
A LÍNGUA PORTUGUESA.....	55
AOS ESTUDANTES DO PARANÁ.....	58
RELAÇÕES INTERNACIONAIS.....	61
A DEFESA NACIONAL.....	64

EM MARCHA!

*Aos estudantes da Faculdade de Direito de S. Paulo.
9 de Outubro de 1915.*

Ser-me-ia fácil, para agradecer a vossa carinhosa recepção, improvisar algumas frases de brilho fugaz, que morressem aqui ao nascer, música sem idéias, fútil e amável cortesia sem fundo e sem eco. Mas quis dar alguma vida, mais calor e duração às minhas palavras, e escrevi-as, para que elas, confiadas agora aos vossos ouvidos e às vossas almas, possam estender-se a ouvidos distantes e a almas afastadas, a todos os Brasileiros de vossa idade, crescendo, estudando, sonhando, dentro do imenso e inquieto coração do Brasil.

O momento não quer discursos ocos e retumbantes, sonoridades entontecedoras, rolando na esterilidade do vácuo. O que se exige agora é a simplicidade de idéias fortes em palavras claras, que, na sua dura tristeza, tenham, com a revolta, um estímulo para a esperança, para a crença e para o heroísmo. Não podeis, talvez, perceber com perfeita consciência a gravidade da nossa situação moral. Viveis numa rica metrópole, entre o sorriso e a gala da vida culta; e não podeis entrever o caos, a confusão e os perigos que enchem toda a nossa maravilhosa e inconsistente Pátria. Na juventude, tudo é graça e facilidade, espontaneidade e embevecimento: uma pureza natural, que do íntimo se transborda para o exterior em véus ilusórios, um fascínio próprio, que se espalha sobre o ambiente e embeleza o espetáculo da vida real... Mas é força que, antes do tempo devido, alguém cruelmente vos arranque da paz e do arroubo. Vede que na Europa, hoje, quando a guerra abre diariamente largos claros nas fileiras dos combatentes, os governos chamam às armas as mais novas classes dos exércitos, as falanges dos adolescentes, reservas fulgentes da primavera nacional: aqui; outra desgraça, mais triste, oprime o país; e outra morte, pior, escasseia os filhos validos, — desgraça de caráter e morte moral; e já que os varões, incapazes ou indiferentes, deixam o Brasil devastado sem guerra e caduco antes da velhice, — venham ao campo os éfebos, em que o ardor sagrado contrabalance a experiência, e em que o ímpeto da fé supra a imaturidade dos anos!

Não vos deixeis deslumbrados do magnífico progresso desta cidade e deste Estado: São Paulo não é todo o Brasil; e a verdadeira grandeza de um país não é a sua riqueza. Por outro lado, não imagineis que o que me assusta seja o desconforto, a falta de dinheiro, a falta de trabalho organizado e produtivo na maior parte da União, nem o ônus formidável das dívidas oprimindo o nosso futuro. Ainda há muita ventura e dignidade nas casas em que não há muito pão; mas nada ha, quando não há amor e orgulho.

O que me amedronta é a míngua de ideal que nos abate. Sem ideal, não há nobreza de alma; sem nobreza de alma, não há desinteresse; sem desinteresse, não há coesão; sem coesão, não há pátria.

Uma onda desmoralizadora de desânimo avassala todas as almas. Não há em cada alma a centelha criadora, que ó a consciência da força e da bondade; e de alma para alma não há uma corrente de solidariedade, de crença comum e de entusiasmo, que congregue todo o povo em uma mesma aspiração. Hoje, a indiferença é a lei moral; o interesse próprio é o único incentivo. O “arrivismo”, — hediondo estrangeirismo com que se exprime uma enfermidade ainda mais hedionda, — epidemia moral, que tende a transformar-se e a enraizar-se como endemia, envenena todo o organismo social e mata todos os germens da dedicação e da fé: cada um quer gozar e viver sozinho, e crescer, prosperar, brilhar, enriquecer depressa, seja como for, através de todas as traições, por cima de todos os escrúpulos. Assim, a comunhão desfaz-se, e transforma-se em acampamento bárbaro e mercenário, governado pelo conflito das cúbricas individuais. E os políticos profissionais, pastores egoístas do rebanho tresmalhado, nada fazem para impedir a dispersão; e, quando não se aproveitam do rega-bofe generalizado, e quando não se locupletam, imitando a gula comum, apenas se contentam com a passiva e ridícula vaidade do mando fictício...

Esse é o espetáculo que nos deparam as classes cultas. As outras, as mais humildes camadas populares, mantidas na mais bruta ignorância, mostram só inércia, apatia, superstição, absoluta privação de consciência. Nos rudes sertões, os homens não são brasileiros, nem ao menos são verdadeiros homens: são viventes sem alma criadora e livre, como as feras, como os insetos, como as árvores. A maior extensão do território está povoada de analfabetos; a instrução primária, entregue ao poder dos governos locais, é, muitas vezes, apenas, uma das rodas da engrenagem eleitoral de campanário, um dos instrumentos da maroteira política. Quanto à instrução profissional, — essa, na maior parte dos Estados da União, é um mito, uma fábula, uma ficção. Lembrai-vos que, se a escravidão foi um crime hediondo, não foi menos estúpido o crime praticado pela imprevidência e pela incapacidade dos legisladores, dando aos escravizados apenas a liberdade, sem lhes dar o ensino, o carinho, o amparo, a organização do trabalho, a habilitação material e moral para o exercício da dignidade cívica...

Que se tem feito, que se está fazendo, para a definitiva constituição da nossa nacionalidade? Nada.

Os imigrantes europeus mantêm aqui a sua língua e os seus costumes. Outros idiomas e outras tradições deitam raízes, fixam-se na terra, viçam, prosperam. E a nossa língua fenece, o nosso passado apaga-se...

Há sete anos, houve um rebate ansioso e febril. Na tribuna e na imprensa, vibrou um alto chamamento, um toque de alarma a todas as energias adormecidas. E uma lei apontou à nossa esperança o entreluzir de uma promessa de salvação: a lei do sorteio militar, se não a providência completa do serviço militar obrigatório, ao menos um ensaio salutar, o primeiro passo para a convalescença e para a cura. Então, como ainda hoje, eu considerava que era esse o único providencial remédio para o nosso definhamento. Nunca fui, não sou, nem serei um militarista. E não tenho medo do militarismo político. O melhor meio para combater a possível supremacia da casta militar é justamente a militarização de todos os civis: a estratocracia é impossível, quando todos os cidadãos são soldados. Que é o serviço militar generalizado? É o triunfo completo da democracia; o nivelamento das classes; a escola da ordem, da disciplina, da coesão; o laboratório da dignidade própria e do patriotismo. É a instrução primária obrigatória; é a educação cívica obrigatória; é o asseio obrigatório, a higiene obrigatória, a regeneração muscular e psíquica, obrigatória. As cidades estão cheias de ociosos descalços, maltrapilhos, inimigos da carta de “abe” e do banho, — animais brutos, que de homens têm apenas a aparência e a maldade. Para esses rebotalhos da sociedade a caserna seria a salvação. A caserna é um filtro admirável, em que os homens se depuram e apuram: dela saíam conscientes, dignos, Brasileiros, esses infelizes sem consciência, sem dignidade, sem pátria, que constituem a massa amorfa e triste da nossa multidão... Mas nada se fez. O mesmo homem, o mesmo marechal, que, quando ministro da guerra, promoveu esse movimento salutar em favor da nacionalidade, — no dia em que subiu ao supremo poder foi o primeiro a esquecer a sua criação, deixando-a morta no berço. E hoje, depois de um quadriênio de lutas estéreis e de politicagem sem moral, — o problema terrível permanece sem solução: uma terra opulenta em que muita gente morre de fome, um país sem nacionalidade, uma pátria em que se não conhece o patriotismo.

Moços de São Paulo, estudantes de Direito, sede também os estudantes e os pioneiros do ideal Brasileiro! Uni-vos a todos os moços e estudantes de todo o Brasil: num exército admirável, sereis os escoteiros da nossa fé!

O Brasil não padece apenas da falta de dinheiro: padece e sofre da falta de crença e de esperança. O agonizante não quer morrer: quer viver, salvar-se, reverdecer, reflorescer, rebentar em nova e fecunda frutificação. Dai-lhe os vossos braços, dai-lhe as vossas almas, dai-lhe a vossa generosidade e o vosso sacrifício! Não espereis o dia em que, deixando esta casa, iniciardes a vossa efetiva existência cívica, para o trabalho público, para a agitação social, para a política. Trabalhai, vibraí, protestai, desde já! Protestai, com o desinteresse, com a convicção, com a renúncia, com a poesia, — contra a mesquinha, contra o egoísmo, contra o “arrivismo”, contra a baixeza da indiferença!

Desta velha casa, de entre estes sagra dos muros, que esplendem de tradições venerandas, deste quase secular viveiro de tribunos e de poetas, — daqui saíram, em rajadas de heroísmo, em ímpetos de entusiasmo, as duas campanhas gloriosas, que foram coroadas pela vitória da Abolição e da República. Estruja de novo a casa! estremeçam de novo os muros! e de novo palpita e ressoe o aviário canoro, cheio de hinos de combate e de gorjeios de bondade! Inaugurai, moços de São Paulo, a nova campanha!

Perto de vós, entre vós, o começo da minha velhice, tocado da graça milagrosa da vossa mocidade, tem gomos verdes, feiticeiros rebentos de ressurreição.

Escuta e acolhe a revolta e a esperança do meu outono, ó primavera da minha terra! Em marcha vitoriosa, ó meus irmãos, para o Ideal!

O CANCRO

Aos estudantes da Faculdade de Medicina de S. Paulo.

14 de Outubro de 1915.

Agradeço com imenso enternecimento a bondade e o carinho com que recebeis a minha visita.

Nesta nobre casa, neste ambiente de trabalho e de afeto, entre os vossos corações amigos, um mundo de saudades revive na minha alma. Apenas saído da adolescência, fui como vós, estudante de medicina. No velho edifício da Faculdade do Rio, naquele recanto da feia rua da Misericórdia, ao lado do mar, entre árvores antigas, abriu-se à Vida o meu espírito inquieto e ávido, de asas tontas, de vôo indeciso. Ali vivi, dos 15 aos 20 anos; desvendou-se, ali, para mim, o maravilhoso e doloroso espetáculo do universo e do homem; na Faculdade e no Hospital, na aula e na enfermaria, — a princípio tímido aprendiz dos segredos das ciências naturais, depois ansioso iniciado na biologia, frequentador dos anfiteatros e dos laboratórios, ajudante de preparador de fisiologia experimental, interno de clínica, — adquiri este exaltado gosto da curiosidade, e este doce e amargo sentimento de tristeza resignada, com que tenho até hoje atravessado a existência. Entre o gabinete de química e a sala do nosocômio, entre a mesa de dissecação e o leito do enfermo, escrevi os meus primeiros versos: a minha poesia nasceu da anciã de saber e da revelação da dor e da piedade. Que é o sonho, senão uma flor do estudo e da compaixão? que é a arte, senão uma filha da curiosidade e do sofrimento?

Vendo-vos, nesta hora meiga e consoladora da minha vida, a mim mesmo me vejo entre vós, moço como vós, estudante e poeta como vós. Porque sois poetas, todos vós; a poesia, — mocidade e vibração, clarão interior de todos os homens inteligentes e bons, — palpita e chispa no olhar com que me aqueceis e iluminais. A poesia viceja e brilha em toda a parte, no recesso do sábio e na oficina do operário, no gabinete do estadista e na abegoaria do lavrador, no santuário do jurista e no consultório do médico; a poesia não é somente o ritmo da beleza, a mestria da expressão métrica; é também, e principalmente, a bondade e o ideal, o amor da justiça e da verdade, o culto do pensamento e da misericórdia, o sentimento e a consciência da vida moral.

Falo-vos, como poeta, e como velho e impenitente estudante. Como poetas, e como futuros médicos, meus jovens irmãos, amai o Brasil, e dai assistência à pátria enferma!

Conheceis, ou conhecereis, entre os casos clínicos, que vistes ou vereis, uma das mais terríveis desgraças do organismo humano, a mais cruel, talvez, de todas as

misérias físicas. Um leve endurecimento, a princípio, e uma ligeira corrosão na pele ou na mucosa; em seguida, o alargamento e a penetração do núcleo destruidor; e o tumor lançando raízes envenenadoras, polvo hediondo, dilatando e aferrando os seus tentáculos vorazes, mordendo e triturando os tegumentos, roendo e comendo os tecidos; e a marcha fatal e implacável da ruína, desfazendo as carnes em sânie; e o mal sem cura infiltrando-se em todo o corpo; e o vírus letal intoxicando todo o sangue, mirrando e extinguindo toda a força; e, enfim, a caquexia, o marasmo, a agonia, e a morte. É o cancro.

Ora, este flagelo do organismo físico existe também no organismo social. As sociedades, como os indivíduos, são às vezes devastadas por essa mesma doença, de sintomas idênticos, de marcha igualmente assustadora, de consequências igualmente funestas. É a mesma voracidade, o mesmo enraizamento, a mesma infecção, a mesma discrasia, o mesmo depauperamento, a mesma destruição. Este carcinoma da estrutura moral é a indiferença; e os seus tentáculos ferozes insinuando-se, verrumando, terebrando, infeccionando, ressumando uma baba; Tíscosa e mortífera, desagregando e devorando a presa, — são a fraqueza da alma, o desânimo, o egoísmo, a autolatria, o amor exagerado do luxo e do dinheiro, a falta de patriotismo, e o aniquilamento do caráter próprio pelo desdém dos interesses sagrados da comunhão.

Alguns sintomas deste morbo ignóbil já se manifestam em várias zonas do grande corpo Brasileiro. Se, em dois ou três Estados da União, o trabalho, a instrução e o ideal ainda reagem e vencem, — esses mesmos Estados devem ser os mais interessados no perigo, e devem ser os primeiros defensores da federação em perigo. Sabeis que a manifestação cancerosa nunca terá efeitos desastrosos exclusivamente locais, uma vez que o vírus, veiculado pelo sangue, fatalmente se espalha e irriga e contamina toda a economia vital...

Lutemos todos! reajamos e trabalhem todos! Se para o carcinoma físico ainda não se descobriu, apesar do paciente labor e da heróica tenacidade dos sábios, um remédio seguro, — para o outro, moral e social, existe e sempre existiu o especifico infalível, o antídoto fácil, ao alcance de todos, a um tempo profilático e regenerador, preventivo e curativo: a crença individual, o entusiasmo pessoal, — a coragem cívica, que é a salvaguarda da coletividade, a manutenção e a grandeza da pátria.

Para combater e prevenir a diátese cancerosa física, vai certamente aparecer um salvador amanhã; e esse talvez seja um de vós, quem sabe? — porque é possível que, entre vós, estudantes de medicina, já exista, em gérmen, um Jener, um Pasteur, um Chagas. Mas, para debelar a diátese, que ameaça a nacionalidade Brasileira, cada um de vós já é um médico perfeito, um inventor benéfico, um salvador providencial.

Concito-vos, como já concitei os vossos irmãos da Faculdade de Direito, e como concito todas as almas do Brasil, para a campanha do entusiasmo e da fé.

Cultivai, desenvolvei, acendrai o vosso patriotismo! E pregai o patriotismo aqui, e lá fora, — nas bancadas das aulas, nos laboratórios, nas salas do hospital, nas ruas, nos lares; em que nascesteis e em que vos educastes, nos lares novos que constituireis e em que o vosso afeto frutificará em novos Brasileiros!

Futuros médicos para os corpos, sede médicos também para as almas, — para a grande alma do Brasil! O Brasil carece de uma nova terapêutica moral e de uma nova cirurgia audaz...

Deus abençoe a vossa bondade e a vossa energia!

AO EXÉRCITO NACIONAL

*No banquete oferecido pelo Exército, no edifício do Club Militar.
6 de Novembro de 1915. Rio de Janeiro.*

Não sei como poderei agradecer esta comovedora prova de afeto. Recebeis-me, como vosso, como filho da grande família militar, cuja maior nobreza deve ser sempre a glória, e cuja melhor riqueza deve ser sempre a virtude; e já esta honra me engrandece. Mas, para aumentar a minha dívida de gratidão, colocastes à frente desta manifestação os nomes de três dos mais ilustres generais do Exército; e escolhestes, como intérprete da vossa estima, e como paraninfo meu, um dos meus mais queridos amigos, um irmão bem amado, em cujo espírito e em cujo coração sempre encontrei, nos mais duros dias da minha vida, conselho e consolo, energia e repouso. A vossa generosidade exagera o préstimo do meu nome e a importância do meu trabalho. Nada fiz, que merecesse tão alto prêmio. O que disse e fiz já estava no pensamento de todos os Brasileiros bons, e já tinha sido proclamado. A lei do sorteio militar, que sempre reputei benéfica para a necessidade da coesão nacional, está decretada há mais de sete anos; e já muitos homens de espírito clarividente e de leal patriotismo, estudando e anunciando os perigos que nos ameaçam, apontaram o remédio e a salvação. Nada inventei, nada criei. Mostrei de novo, apenas, e com menos brilho, a fealdade da doença do tempo, a desnacionalização da nossa gente, a fraqueza dos governos, o desvanecimento do entusiasmo, a falta da coragem e da fé; e apenas procurei reacender a propaganda esquecida. Acredito que o valor da minha ação nasceu unicamente de uma prospera conjuntura do tempo e do lugar, — da ocasião feliz em que foram pronunciadas as minhas palavras. Cercavam-me corações em flor, espíritos em révora: o ambiente era propício, de mocidade e de ternura; e a velha Faculdade de Direito de São Paulo ecoava ainda antigos clamores de crença e de combate: a minha revolta ressuscitou, entre aquelas paredes, a grandeza e a febre de campanhas mortas. Assim, o passado e o presente, num encontro milagroso, acolheram, agravaram, e repercutiram com eficácia o meu grito...

Não posso agradecer-vos. Mas posso, ao menos, dizer-vos como vos amo, e quanto me comove e orgulha o apreço que me mostrais. Sois os mesmos soldados, que sempre enobrecera o Brasil, desde a época difícil da fundação da pátria; sois o mesmo exército, que, em todas as crises graves da nossa história, até a proclamação da República, deu às boas causas a sua força material e a sua força moral, nessa longa série de altos serviços nacionais, que o vosso orador acaba de relembrar; quando vos falo, falo ao vosso presente, como ao vosso passado, e ainda ao vosso grande futuro.

Quando nasci, o Brasil vibrava, no apogeu da sua era épica, entre a batalha do Riachuelo e a batalha de Tuiuti. Findava o ano de 1865. Todas as energias do país estavam nos campos do sul. Meu pai, poucos meses antes, partira para a guerra. No lar atribulado e pobre, havia sustos e esperanças, lágrimas e sonhos: as cartas, que vinham do teatro da luta, traziam à família moralmente desamparada sorrisos e raios de fé; mas, entre as raras notícias, enlutava-se a casa, e apertavam-se os corações. Em toda a cidade, a mesma inquieta, cão, o mesmo sobressalto, a mesma alternativa de clamores de júbilo e queixas de desesperação. Nessa pesada e angustiosa atmosfera moral, correram os primeiros quatro anos da minha vida... Depois, a minha meninice viveu tia vossa glória. As festas que coroaram a vitória, os hinos e as flores que recebiam os batalhões, a paz e a fortuna regozijando a cidade e todo o país, as fardas e as condecorações, os arcos de triunfo e os cortejos, as narrativas dos combates, o desempenho dos vencedores, o orgulho dos mutilados, o entusiasmo dos moços, o enternecimento dos velhos, o enlevo das mulheres, — todo esse espetáculo de heroísmo, dominando a vida nacional, e por muitos anos alimentando a altivez do povo, encheu e maravilhou toda a minha adolescência... Depois, já homem, vi que as vossas espadas, recusando à a sua força e o seu brilho à ganância dos mercadores de homens, e defendendo a miséria dos escravizados, apoiaram a dedicação dos abolicionistas, e apressaram a vitória da sagrada campanha... Depois, encontrei-vos, de novo, na alvorada de 15 de Novembro, e vi toda a vossa bravura e toda a vossa beleza, irradiando, concentradas na figura legendária de Deodoro... Foi assim que vos amo!

Se alguma vez diminuiu a minha admiração, se de algum modo me afastei de vós, foi porque, com tristeza, vi alguns de vós, arredados do nobre terreno e da augusta missão em que sempre deveis honrar-vos e honrar o Brasil, preferirem ao rude e magnífico sacrifício da vida militar o fácil e grosseiro proveito do mando partidário e da pequena política das facções e das intrigas... Mas o desfalecimento não durou muito. Quase todos os transviados já estão desiludidos e arrependidos. Na consciência de todos deve estar a convicção da inutilidade, e, mais ainda, do criminoso erro dessa dispersão de energias e de devotamentos. Sei, — e é preciso que todo o país o saiba, — que um hálito saneador e criador percorre hoje todos os quartéis. O pensamento e a ação, o estudo e o exercício, a vontade e a disciplina, animando os oficiais, e deles emanando, inflamam e fortalecem os soldados; o trabalho! e a esperança, a confiança e o estímulo sucederam à inércia e ao desdesânimo; e, nesse ambiente de agitação fecunda e de reconstrução salvadora, não podem e nunca mais poderão medrar as murmurações, os despeitos, os descontentamentos, as mesquinhas rivalidades, as desmoralizadoras ambições, que só vivem bem nos arraiais do caudilhismo e da desordem. Deste modo, querendo colaborar com todas as outras classes do nosso povo na grande empresa do revigorecimento cívico, que todos devemos iniciar e executar, estais reatando o fio luminoso das tradições militares, que são o patrimônio da vossa classe...

É assim que vos amo!

Se praticastes erros, também os praticamos nós, os civis. Se desses erros comuns nasceu o funesto divórcio, que separou durante tantos anos o elemento civil e o elemento militar, nasça agora da confissão e da reparação de todos os desvios e de todas as faltas um consórcio firme e perpétuo. E que este consórcio seja proclamado em palavras e em atos, desde já, enquanto não se organiza a indispensável generalização do serviço militar transformado em serviço nacional, — de modo que, como excelentemente acaba de dizer o vosso intérprete, “confraternizem todas as classes, desapareça para sempre o espantinho do militarismo, seja a nação o exército e o exército seja a nação”.

Já disse repetidas vezes que não mereço, nem quero pretender o papel e o título de apóstolo: o papel é superior ao meu "valor moral; e o título, dado a mim, traria consigo uma ironia, que a minha sinceridade repele. Já disse também que não sou sociólogo, nem filósofo: não posso idear nem executar um programa de remodelação social. Sou, apenas, poeta, e poeta sincero e patriota. Se posso ser professor, quero ser e serei exclusivamente professor de entusiasmo. E, dentro deste papel, não serei polemista, nem agitador de ruas, nem conquistador de popularidade. A minha humilde missão está cumprida: a mocidade do país agita-se, todas as classes despertam, os homens superiores estudam o problema, o movimento generaliza-se; posso agora sair da frente da batalha, e entro na massa da legião, casando o meu esforço obscuro aos esforços anônimos dos outros legionários.

Se apareci em evidência, foi porque havia em minha alma uma revolta, que me sufocava. Em minha consciência: acredito que o Brasil está atravessando hoje a mais grave de todas as crises de sua história. Oprime-me um grande medo. Não é o da miséria pública; porque, com trabalho e honestidade, alguns anos bastarão para remediar a devastação causada pela incúria ou pela improbidade. Não é também o da guerra, da invasão estrangeira, da perda da liberdade, da mutilação do território por sequestro ou conquista: tal perigo, se existe ou existir, será talvez o mais afastado e o mais improvável de quantos nos rodeiam; além disso, essa desgraça ainda seria uma fonte de grandes bens: porque, em falta de um perfeito patriotismo coletivo, consciente e coesivo, ao menos há no Brasil, feliz mente, a bravura própria, o pundonor pessoal, um patriotismo individual; e a guerra, apesar de todos os seus males, seria uma ventura, porque seria uma formidável força de ligação nacional... O que me aterra é a possibilidade do desmembramento. Amedronta-me este espetáculo: este imenso território, povoado por mais de vinte e cinco milhões de homens, que não são continuamente ligados por intensas correntes de apoio e de acordo, pelo mesmo ideal, pela educação cívica, pela coesão militar; conflitos ridículos sobre fronteiras, dentro da integridade da pátria, explorados pela retórica,

envenenados pelo fanatismo, originando guerras fratricidas, a desigualdade entre Estados irmãos, desirmanados pela diferença das fortunas e das prendas, — estes ricos e felizes, prosperando e brilhando, desenvolvendo o seu trabalho e a sua instrução, e aqueles pobres, sem ventura, sem pão, sem ordem, sem escolas, assolados pelos flagelos da natureza ou talados pelos desmandos da governação; e descontentamentos, e rivalidades, e indiferença, desamor, falta de unidade...”

Este é o meu terror. Porque sem unidade não há pátria. Quatrocentos anos de esperança e de tortura fizeram esta nação, dada à humanidade pela continuação de infinitas ações generosas: pelo esforço de um pequenino povo, — menos de dois milhões de almas, em uma estreita faixa de terra, — descobrindo, povoando, explorando, artilhando, defendendo mais de seis mil quilômetros desta costa; pelo ímpeto das bandeiras e pela bondade dos apostolados, desbravando as selvas, as águas e as almas; pelo sangue dos filhos e dos netos dos povoadores, derramado em prol do patrimônio; pelo suor e pelas lágrimas de uma raça mártir, arrancando do solo bruto a riqueza, a felicidade e o luxo; pelo heroísmo de sucessivas gerações, combatendo pela liberdade, pela integridade, pela justiça e pela glória... É horrível pensar que esta esplendida construção de quatro séculos possa ser desmantelada pela inércia, pela ignorância, pela preguiça moral, pelo egoísmo!

Mas, não! Unamo-nos, nós, os das classes cultas, nós, os que temos instrução, pensamento e consciência.

Unamo-nos, trabalhemos, e venceremos,— e dentro do regime Republicano. O descontentamento e o desânimo de algumas almas apela para a restauração da monarquia, como para uma panacéia de efeitos prodigiosos e instantâneos. Se o advento de um Messias pudesse agora levantar, rejuvenescer e felicitar em poucos minutos ou em poucos anos todo o Brasil, todos os patriotas, convencidos do supremo poder de tão divino condão, deveriam aceitar de braços abertos esse enviado do céu. Mas os milagres são impossíveis. O trabalho, que nos incumbe, é longo, demorado, difícil. Não podemos transformar de súbito esta geração que está vivendo. Devemos trabalhar para o futuro: somente outras gerações, mais felizes, gozarão o bem que tivermos criado. Se os únicos remédios para a doença nacional são o tempo, a tenacidade e o devotamento, — porque não empregaremos, nós, os Republicanos, esta terapêutica ao alcance dos nossos meios?

Façamos nós a ressurreição da glória do Brasil! Não a podemos fazer em poucos dias nem em poucos lustros, por um prodígio de taumaturgia social. Mas inevitavelmente a faremos, se, inspirados pela nossa crença e pelo nosso patriotismo, lavrarmos a alma do Brasil, como os agricultores lavram o seu campo: com o tempo e a paciência, com a vontade e a arte, dando toda a força

do braço e a alegria do coração a todos os longos e sublimes trabalhos que o solo exige, — o derrote e o amanho, a aradura e o alqueive, a semeadura e a rega, — antes do dia nobre em que, coroando e abençoando o sacrifício, surge o esplendor da seara.

O programa está assentado, e é simples e velho: a educação cívica, firmando-se na instrução primária, profissional e militar. Mas não esqueçamos que do ensino devem ser dignos os professores.

A educação cívica, devemos ser os primeiros a aprendei-a, meditá-la e praticai-a. Melhoremo-nos, antes de melhorar o povo. Procures mos inaugurar uma nova política, a verdadeira e “sã política, filha da moral e da razão”, nacional e não corrilheira, sincera e digna, condenando e abolindo os artifícios em que vi vemos, fraudes eleitorais, fraquezas governamentais, paliativos econômicos e sofismas judiciários. E não são os políticos os únicos responsáveis pelo descabro. Quase todos erramos, pecamos, e ultrajamos a Pátria, civis e militares, políticos e homens de letras, professores e jornalistas, artistas e operários, quase todos os pães de família e cidadãos. Uns por maldade ou indiferença natural, outros por afetação ridícula ou tola jactância, outros por imitação, — quase todos desertamos o culto cívico. Esses ainda foram os menos culpados, porque se limitaram ao afastamento do templo: os piores foram aqueles, que, pregando as idéias subversivas e as palavras más, ousaram proclamar a negação da necessidade da Pátria... Eu mesmo, que vos falo, — porque é preciso que eu seja o primeiro a dizer o “confiteor”, — também me envergonho hoje da frívola e irônica literatura, que deixei pelos jornais, muitas vezes eivada do fermento anárquico. Confessemos-nos todos, arrependamo-nos, e não perseveremos no pecado! A afronta da negação da Pátria, a injúria do desdém, e ainda a frivolidade e a ironia, e até a indiferença e a abstenção, no que se refere- à Pátria, são crimes igualmente graves. A Pátria é o grande “feitiço”, o inviolável “tabu”, que deve ser adorado cegamente, sem ser tocado.

Regeneremo-nos, e voltemos ao culto cívico. Amemos o Brasil, nós que o dirigimos. “E, aperfeiçoados, vamos ao encontro do povo, e aperfeiçoemo-lo. O povo possui energias e virtudes, mais fortes e mais puras do que as nossas: o que cumpre é estimulá-las, é extraí-las, como se extraem os metais da ganga nativa.

Nós, que vivemos no litoral, e nas zonas mais acercadas do litoral, nestas cidades, em que fervem o trabalho e a ambição, os esplendores e os vícios, todas as belezas e as fealdades da civilização, não podemos suspeitar a vida que arde no âmago da terra brava. Neste momento, um de vós, senhores, o coronel Rondon, está prosseguindo a sua longa peregrinação pelo bruto seio das brenhas, Com ele, vai um punhado de heróis obscuros. São, ao mesmo tempo, a bandeira e a missão, as sortidas do século XV e do século XVI, redivivas no

século XX. Em cada um desses homens vibra um Fernão Dias e sorri um Anchieta. E, nos rudes sertões, tudo ó mistério, tudo é encantamento, tudo é espanto e riqueza. Nestas maravilhosas entradas de conquista e de catequese, cada passo é uma revelação e uma criação: o descobrimento de um rio, de uma serra, de um aldeamento de Índios; o achado imprevisto de um tesouro natural, a invenção de um recurso para a ciência ou para a indústria; a plantação de uma roça, de um poste telegráfico, de um núcleo de povoação civilizada, de um, rudimento de escola; a colheita de novas forças materiais e morais para o Brasil, — um mundo imenso que jazia em trevas...

Pois bem! A alma Brasileira tem a mesma grandeza e os mesmos segredos dos sertões. Não a conhecemos, porque não nos conhecemos. Entremos por ela, empreendamos através dela a grande e deslumbradora viagem da Fé! Descobriremos vertigens e delícias, assombros e consolações, energias desconhecidas e piedades não adivinhadas. Encontraremos a cada passo uma vontade, uma vibração, um, impulso, uma resistência, uma coragem e uma dedicação. E todas estas forças estarão conosco. E, quando regressarmos da expedição magnífica, teremos criado a mais bela e a mais viva de todas as nações da terra. Peço-vos, senhores, que vos levanteis. Com toda a alma, com toda a crença e com toda a esperança, saudemos o passado glorioso do Brasil, que resplandece em vossos uniformes; o presente sofrido do Brasil, que enche todos os nossos corações; e o futuro incomparável do Brasil, que viverá no orgulho dos nossos descendentes, — a Grande Pátria, que será forte para ser boa, armada para ser justa, e rica para ser generosa!

À MARINHA NACIONAL

*No edifício do Batalhão Naval, na “festa da bandeira”.
19 de Novembro de 1915.*

Senhores. Não me engano sobre a significação deste ato de fraternidade. Os vossos louvores e a vossa afeição não vêm para mim, mas para todos os que trabalham comigo, e para a grande causa que defendemos. Hoje, entre vós, como ontem entre os vossos irmãos do Exército, e como há pouco entre os moços de São Paulo, é do Rio de Janeiro, sinto o coração suspenso em sobressaltos que me doem e me deliciam, e vejo-vos através de lágrimas que me enfraquecem e me consolam; uma intensa felicidade e uma suprema gratidão me arroubam; tenho a impressão de ser levado e embalado por uma onda de simpatia, humilde folha perdida rolando num rio de carinho... Mas nenhum orgulho se mistura à minha ventura. Sinto-me cada vez mais obscuro na minha alegria, menos saliente na minha força. Tão íntima e perfeita é a comunhão entre a minha alma e as vossas almas, que nem acredito na minha existência individual: sou apenas um eflúvio da vossa presença, uma emanção da vossa concorrência; a minha crença, o meu entusiasmo, a minha poesia saem de vós; o que digo é o vosso pensamento: porque, quando estou convosco, Brasileiros de fé, sois todo o Brasil: e eu, sou, pessoalmente, um simples instrumento inconsciente do vigor nacional, um mesquinho raio de luz, uma fraquíssima vibração, um insignificante sorriso da prodigiosa vitalidade da Pátria.

Não tratemos de mim... Que valem nomes? O que vale é o cemitério confuso e venerando, em que repousam, depois das pelejas sublimes, as dedicações desconhecidas e as renúncias heróicas, que criaram o nosso nome coletivo; e a massa pululante e sussurrante das energias que nos rodeiam, e reclamam a nossa direção, o nosso conselho e o nosso amparo; e a infinita nebulosa em que ardem sementeiras de miríades de astros humanos, - o futuro do Brasil, que, esquecido tia vaidade dos ambiciosos, e perdoando os erros ou a, inércia dos Brasileiros maus, somente abençoará o trabalho hercúleo e anônimo dos construtoras do nosso civismo.

Vós, gloriosos marinheiros do Brasil, fostes, sois, e sereis dos melhores operários desta construção abençoada.

Nos quatro versos, com que o jovem o brilhante intérprete da Marinha acaba de encerrar o seu vibrante discurso, procurei um dia sintetizar o amor e a admiração que vos devoto. Sois, de fato, a alma errante da Pátria pelo mar. O mar, que é o perpétuo movimento, a perene vibração, a eterna vida,

reservatório de turbilhões de vidas, e seio primordial em que nasceram todas as vidas do planeta, sendo uma escola de energia e de bravura, v urna escola de civismo. A grande poesia das águas largas, a atração do desconhecido, a curiosidade do infinito e do mistério, o sentimento da liberdade, o ar puro tonificando o corpo, a solidão fortalecendo o espírito, o desencontrado e cativante espetáculo das calmas e das cóleras do oceano, o horizonte sem raias aberto para a imaginação, a imensidade do universo contrastando a pequenez do homem, apuram a inteligência, educam a atenção, retemperam o caráter, aperfeiçoam a bondade e acrisolam o patriotismo. O silêncio, o recolhimento, o mudo colóquio com os ventos presentes e invisíveis, com os astros serenos e perturbadores, e com as vagas sempre movediças e cambiantes, dão à meditação uma intensidade de êxtase religioso. F o aparta mento e a saudade dão ao marinheiro um novo enternecimento, uma nova piedade filial, uma nova gratidão fervorosa para o lar distante e para o berço deixado, que mais enchem o coração à medida que se apagam da retina. Sois bem a alma da Pátria, quando ela vai convosco pela extensão do mar; ela vive no bojo dos vossos navios, fala pela voz dos vossos canhões, braceja e exulta na insígnia auriverde que vos protege; e com ela, e convosco, vai a lição incomparável dos vossos maiores, a memória dos heróis de Riachuelo.

*“A alma da Pátria sobre ti descansa,
Ó mar verde, a sofrer e a trabalhar...
Ó mar verde, tu guardas a esperança
Da alma da Pátria errante sobre o mar!”*

Que posso dizer-vos, para agradecer o júbilo que me dão hoje a vossa companhia e a vossa amizade? Para servir-vos e glorificar-vos, não vos trago palavras de vulgar cortesia. Venho dar-vos o meu coração, e peço-vos que o depositeis por terra, junto da bandeira do Batalhão Naval. É hoje o dia festivo do sagrado símbolo da nossa nacionalidade. Adoremo-lo! Concentremos toda a nossa inteligência e todo o nosso afeto nesta adoração. Dizei todos comigo a nossa

ORAÇÃO À BANDEIRA

Bendita sejas, "bandeira do Brasil!"

Bendita sejas, pela tua beleza! És alegre e triunfal. Quando te estendes e estalas à viração, espalhas sobre nós um canto e um perfume: porque a viração, que te agita, passou pelas nossas florestas, roçou as toalhas das nossas cataratas, rolou no fundo dos nossos grotões agrestes, beijou os píncaros das nossas montanhas, e de lá trouxe o bulício e a frescura que entrega ao teu seio carinhoso. És formosa e clara, graciosa e sugestiva. O teu verde, da cor da esperança, é a perpetua mocidade da nossa terra e a perpetua meiguice das ondas mansas que se espreguiçam sobre as nossas praias. O teu ouro é o sol que nos alimenta e excita, pai das nossas searas e dos nossos sonhos, numera da fartura e do amor, fonte inesgotável de alento e de beleza. O teu azul é o céu que nos abençoa, inundado de soalheiras ofuscantes, de luares mágicos e de enxames de estrelas. E o teu Cruzeiro do Sul é a nossa história: as nossas tradições e a nossa confiança, as nossas saudades e as nossas ambições; viu a terra desconhecida e a terra descoberta, o nascer do povo indeciso, a inquieta alvorada da Pátria, o sofrimento das horas difíceis e o delírio dos dias de vitória; para ele, para o seu fulgor divino ascenderam, numa escalada ansiosa, quatro séculos de beijos e de preces; e pelos séculos em fora irão para ele a veneração comovida e o culto feiticista das multidões de Brasileiros que hão de viver e lutar!

Bendita sejas, pela tua bondade! Cremos em ti; por esta crença, trabalhamos e pena mos. À tua sombra, viçam os nossos sertões, cavados em vales meigos, riçados em brenhas fecundas, levantados em serras majestosas, em que se escondem torvelins de existências e tesouros virgens; fluem as nossas águas vivas e vertentes, em que circulam a nossa soberania e o nosso comércio, agora derramadas em correntes generosas, agora precipitadas em rebojos esplêndidos, agora remansadas entre selvas e colinas; e sorriem os nossos campos, cheios de lavouras e de gados, cheios de casais modestos, felizes no suado labor e na honrada paz. E, sob a tua égide, rumorejam as nossas cidades, colméias magníficas, em que tumultuam ondas de povo e em que se extenuam braços, e se esfalfam corações, e ardem cérebros, e resfolegam fábricas, e estrugem estaleiros, e vozeiam merca dos, e soletram escolas, e rezam igrejas.

Bendita sejas, pela tua glória! Para que seja maior a tua glória, juntam-se, na mesma labuta, a enxada e o livro, a espada e o escopro, a espingarda e a trolha, o alvião e a pena. Para o teu regaço piedoso, elevam-se, como uma oblata, os aromas dos jardins e os rolos de fumo das chaminés; e sobe o hino sacro de todas as nossas almas, ressoando o nosso esforço, o nosso pensamento e a nossa dedicação, vozes altas concertadas, em que se casam o ranger dos

arados, o chiar dos carros de bois, os silvos das locomotivas, o retumbar das máquinas, o ferver dos engenhos, o clamor dos sinos, o clangor dos clarins dos quartéis, o esfuziar dos ventos, o ramalhar das matas, o murmurejo dos rios, o regougo do mar, o gorjeio das aves, todas as músicas secretas da natureza, as cantigas inocentes do povo, e a serena harmonia criadora das liras dos poetas.

Bendita sejas, pelo teu poder; pela esperança, que nos dás; pelo valor, que nos inspiras, quando, com os olhos postos em tua imagem, batalhamos a boa batalha, na campanha augusta em que estamos empenhados; e pela certeza da nossa vitória, que canta e chispa no frêmito e no lampejo das tuas dobras ao vento e ao sol!

Bendita sejas, pelo teu influxo e pelo teu carinho, que inflamarão todas as almas, condensarão numa só força todas as forças dispersas no território imenso, abafarão as invejas e as rivalidades no seio da família Brasileira, e darão coragem aos fracos, tolerância aos fortes, firmeza aos crentes, e estímulo aos desanimados! Bendita sejas! e, para todo o sempre, expande-te, desfralda-te, palpita e resplandece, como uma grande asa, sobre a de finitiva pátria, que queremos criar forte e livre: pacífica, mas armada; modesta, mas digna; dadivosa para os estranhos, mas antes de tudo materna! para os filhos; liberal, misericordiosa, suave, lírica, mas escudada de energia e de prudência, de instrução e de civismo, de disciplina e de coesão, de exército destro e de marinha aparelhada, para assegurar e defender a nossa honra, a nossa inteligência, o nosso trabalho, a nossa justiça e a nossa paz!

Bendita sejas, para todo o sempre, bandeira do Brasil!

NA ACADEMIA DAS CIÊNCIAS

Lisboa. 30 de Março de 1916.

Senhores. Foi com uma viva comoção, mas sem acanhamento, que passei o adito desta nobre casa. Enche-me de orgulho a acolhida que me dais; mas não bati à porta como intruso, e não transpui a soleira como forasteiro. Entrei com recatada ternura e afetuoso respeito, como familiar do sacrário, e como filho do solar, filho obscuro e pobre, mas sempre filho.

Não olho com a surpresa de uma primeira visita a fisionomia deste recinto. Vendo-vos, falando-vos, ouvindo-vos, sinto que este nosso encontro é apenas a continuação de outras confabulações, de antiquíssimo trato. Parece-me que conheço desde 1834 estas casas do Convento de Jesus. Mais ainda... Não me as saltaria um sobressalto, se, em vez de estar falando entre estes muros, eu me visse transportado para outras residências mais velhas, e se a minha voz soasse nas escuras salas do palácio do Monteiro-Mor, ou nos escuros andares do Poço dos Negros, primitivas sedes das vossas reuniões. Não me acabrunharia o assombro, se, por uma nova obra de feitiçaria, a situação e a hora de hoje se arredassem ainda mais para tempos mortos num recuo de mais de um século, e se esta sessão fosse a vossa primeira sessão, na mansão real de Maria Primeira, em 1780... A minha voz não tremeria, e os meus olhos se não enevoariam de medo, se o mobiliário atual, e o vosso vestuário, e o aspecto de vossas figuras se transformassem, e se, de repente, sob os painéis de um teto do paço das Necessidades, entre paredes cobertas de panos de arras e de tremós doirados, eu visse, no estrado da presidência, — risonho, sob a peruca empoadada, com o peitilho tufando em bofes de rendas, entre as abas do colete de damasco, o Duque de Lafões; e, em torno dele, outros espectros vivos, — Correia da Serra, botânico e antiquário, amigo das plantas e dos livros, verdadeiro criador desta companhia; Padre Teodoro de Almeida, filósofo e poeta; o sexto visconde de Barbacena, Capitão General das Minas Gerais; Pedro José da Fonseca, beneditino das letras, filólogo e lexicógrafo; Padre Joaquim de Foios, teólogo no púlpito e pagão heleno na biblioteca; e outros ancestrais da Academia, outras grandevas figuras redivivas...

Toda essa fábrica e maquinação de mágica me não espantaria, porque tudo isso me pareceria uma natural ilusão dos meus olhos, uma alucinação justificável do meu espírito.

Esta consciência de existências anteriores, vaga lembrança de vários avatares, ó fenómeno psíquico muito familiar a todos os espíritos que se nutrem de tradicionalismo, da dos ao amor e ao culto das cousas do passado.

Sempre fui um tradicionalista, sem ser um retrogrado. Vivo feliz, ou resignado do presente, e estimulado pela curiosidade do futuro; mas vivo também, e muito, da saudade dos tempos que vivi, e de tempos que real mente não vivi... Saudade rara, mas não absurda. Talvez seja um pouco exagerada em mim esta paixão pelo passado: mas paixão bem humana e bem sã. Não há alma que possa viver sem saudades. Lembrar é viver e reviver. A certeza do hoje nasce da lembrança do ontem: um homem sem recordações seria uma pedra inerte...

O que vos digo explica a falta de constrangimento com que me apresento a vós, sem o temor de um ádvena, sem a cerimônia de uma visita passageira. Isto explica também o vivo desejo com que procurei a honra e o júbilo de pertencer à vossa companhia. Que rendo ser vosso, quis, de modo mais forte, incorporar-me à vossa cultura e integrar-me no nosso passado.

Este meu tradicionalismo não é incompatível com o meu nacionalismo. Nacionalista ardente, e não nativista, tenho um patriotismo com pergaminhos e brasões. E a minha atitude, aqui, é a mesma que me governa no Brasil.

Há nos anais desta Casa uma página, que vos orgulha e me orgulha; aí resplandece um nome, que nunca se apagará da história do Brasil, e aí avulta uma lição, que esclarece e nobilita a minha situação. Reza essa página que “na sessão pública de 24 de Junho de 1819, o Secretário Geral da Academia despediu-se dos seus companheiros, porque ia fixar residência no Brasil. Esse secretário era então um homem de cinquenta e seis anos. Nascera em Santos, no Brasil; mas educara-se na Europa. Era homem de ciência e de letras. Vivera em escolas, em universidades, em bibliotecas, em museus, em laboratórios: naturalista, era botânico, e biólogo, e mestre de mineralogia; mas, entre longas horas de árduos estudos, sonhava e poetava; e, pastor da Arcádia, tangendo uma avena, e modulando suspiros de amor, rimava éclogas, que circulavam pelos outeiros literários, com a assinatura de “Américo Elísio...”. Chamava-se este homem José Bonifácio de Andrada e Silva. Já em 1819 imaginaria e sonharia ele, entre estas paredes, a autonomia da colônia portuguesa da- terra de Santa Cruz? Acredito que sim. Os melhores sonhos, os mais fortes e felizes empreendimentos da vida humana são os da maturidade; os cinquenta e sete anos de José Bonifácio tinham de certo nutrido e germinado, na sua alma, a sua vocação de patriarca. Seja como for, três anos e três meses depois daquela sessão, era proclamada a independência do Brasil, em Setembro de 1822; e a mais viva centelha criadora daquela revolução foi o nacionalismo de José Bonifácio. Mas não havia, entre o secretário da Academia de Lisboa e o Chefe do Governo de Pedro I no Brasil, incompatibilidade nem contradição. Fundador de uma nova pátria, o nosso pró-homem não renegava a metrópole, amamentadora do seu espírito. Não havia naquele aparta mento um gesto da repulsa de uma criatura ingrata, afrontando o seu criador, no primeiro dia de uma nova criação. Era um direito e um dever, a necessidade da

conservação própria e da continuação da raça, o cumprimento da missão consciente do filho maior, emancipado do pátrio poder, formando um lar novo, em que perduravam o nome, a religião e a honra do lar primitivo... E hoje, noventa e quatro anos depois, um outro Brasileiro, humilde e pequeno, vem falar a Portugal, nesta mesma Academia em que soava a nobre voz do grande Brasileiro, que foi vosso secretário e irmão. Reata-se a tradição; e a história das duas nações permanece una e indivisa.

Senhores, em verdade o meu nacionalismo é filho do meu tradicionalismo. Quero que a minha pátria se orgulhe da sua história. Diz um inepto brocardo que as nações felizes são as que não têm história. O que quer dizer: as que nunca tiveram guerras, nem Tómes, nem revoluções, nem terremotos, nenhum cataclismo físico ou moral. Apagada e miserável felicidade essa: a felicidade dos pântanos, na estagnação e no apodrecimento... Mas que nações puderam jamais viver, nessa estúpida bem-aventurança? O sofrimento; é a essência e a razão de ser da vida. Nem os rudimentares acampamentos bárbaros da antiguidade, nem as mais obscuras aldeias selvagens de África, nem as mais ignoradas tabas do alto Mato Grosso, nem as mais remotas galerias dos castores e as mais negras tocas das formigas no fundo da terra podem lograr vida sem sofrimentos...

Não quero que a minha nacionalidade tenha uma vida sem passado e sem provações. Não quero que ela viva como essas plantas inferiores, que subsistem sem glória e sem martírios, — como as algas errantes sobre as águas, sem lar; como as aeróbias, que se nutrem do ar, sem tentáculos de nutrição; como as epífitas sem alicerce próprio, agarrando-se a rochas ásperas; como as parasitas, que; hospedas importunas, se alimentam de seiva alheia, vegetando sobre outros organismos generosos... Quero que ela seja uma dessas grandes árvores, de longas e profundas raízes, aferrando-se no mais remoto e secreto seio da terra, no âmago do solo consagrado pelos tempos, regado pelo suor, fecundado pelas lágrimas, lavrado pelo sacrifício de muitas gerações de trabalhadores. Quero que a sua copa livre, autônoma, soberana, alargue no amplo céu a sua mocidade e a sua independência; mas quero também que, com a sadia verdura das suas folhas, com a formosura das suas flores, e com o sumarento viço dos seus frutos, ela reconheça a força do húmus da terra de que se fez a sua seiva, e abençoe a nobreza dos séculos que a robusteceram.

Bem sei que compreendereis e acolhereis com animação estes sentimentos e estas palavras. Não estaríeis aqui, se não fosseis, como eu, amigos do passado.

Houve, na antiguidade, recessos religiosos, longe da animação das cidades, no seio de vales desertos, que se chamavam “bosques sagrados”: o de Dódona e o de Epidauro, na Grécia, e o de Vesta e o de Egéria, em Roma. Eram destinados ao culto das musas e das tradições, às Camenas e às Memórias, asilos de

meditação e de saudade. As Academias "de hoje são bosques sagrados, votados, como os antigos, ao estudo do presente e do passado, à ficção e à ciência, ao serviço da inteligência pela filosofia e à perfeição moral pela história. E enobrece-as cada vez mais a ancianidade que as sustenta.

A Academia Brasileira é nascida de ontem: foi fundada em 1896. Mas já tem um passado de que pôde ufanar-se: congênere e filha vossa, já pôde chamar sua a herança dos cento e trinta e sete anos de vida e de trabalho que a vossa conta. A Academia Brasileira, ao nascer, quis afirmar a sua filiação, e os seus sentimentos de fidelidade à cultura portuguesa: estatuiu que, dos vinte lugares de seus membros correspondentes, dez sejam sempre ocupados por homens de letras de Portugal. Os mais ilustres representantes da vossa literatura têm sido consagrados pela nossa eleição. E o nosso carinho tem preenchido com justiça os claros que a morte abriu na lista. A citação dos nomes dos correspondentes atuais mostra que sabemos amar e chamar todas as glórias de vossas letras, querendo fazê-las nossas: Teófilo Braga, prodigioso e feliz operário, que, na abençoada velhice, tem a fortuna de ver acabado o monumento de mais de trinta volumes, que o seu esforço levantou em honra das letras e da civilização de Portugal; Guerra Junqueira, poeta de cólera e de ternura, de ira e de meiguice, em cuja alma há sarças de fogo em que troveja um deus, e moitas floridas em que sonham rouxinóis; Cândido de Figueiredo, forte arquiteto do "Dicionário Contemporâneo", continuador mais venturoso de Costa Macedo, Pedro José da Fonseca e Bartolomeu Jorge vossos acadêmicos do século XVIII, mártires da lexicografia; Alberto de Oliveira, poeta e prosador de raro brilho, estrênuo advogado da união das duas Academias e das duas pátrias; Eugênio de Castro, ardente cantor da Beleza e do Amor, em cujos poemas passam todas as formosuras femininas, do esplendor fascinante da sensual "Belkiss" à portuguesa suavidade da pura "Constança"; Antônio Correia de Oliveira, o apóstolo dos "Autos", das "Parábolas", das "Orações", centelha viva da terra, emanção natural do piedoso Portugal; Jaime de Séguier, o fino orquestrador dos "Adágios e Alegros" e cronista valoroso, que ora defende pelo "Jornal do Comércio" do Rio de Janeiro a causa da cultura latina; Antônio Feijó, a musa pastoril das "Líricas e Bucólicas" exilada para as brumas da Escandinávia; e Carlos Malheiro Dias, alma tecida de entusiasmo e de brandura, a quem, sobre tantos livros de verdade e de sonho, deve a língua portuguesa essa obra prima de humanidade e de misericórdia, que se chama "A paixão de Maria do Céu". Outros nomes ilustres, outros próceres vivos das vossas letras, historiadores, poetas, romancistas, críticos, não pertencem ainda à Academia Brasileira, só porque, infelizmente, a lei acadêmica não permite a criação de novos lugares. Mas vivem todos eles, na admiração e no afeto que lhes votamos.

E, senhores, tendes gentilmente estimado e fidalgamente retribuído a nossa amizade. Ainda há poucos meses, chamastes à vossa comunhão o Presidente da

Academia Brasileira, Rui Barbosa, fulgor do Brasil, honra de toda a América, mestre entre todos os que prezam o idioma de Camões.

De mim, que poderei dizer-vos? A lembrança do meu nome, a minha eleição, e a alta dignidade que ora me dais são bem pesadas e compreendidas pelo meu critério. Não condecorais propriamente o poeta, que é pobre, e o homem, cuja única virtude é a sinceridade. Honrais em mim, acidentalmente, o Brasil e a poesia Brasileira.

O mais valioso agradecimento, que eu vos possa exprimir, é a formal promessa do assíduo trabalho com que sempre colaborarei convosco. Disse-vos, há pouco, que me não apresento a vós como hóspede passageiro. Repito-o. Não desejo que de mim guardeis apenas aquela recordação das visitas fugazes, de que falavam os velhos Romanos: *"memoria hospitis unius diei proetereuntis..."* Pretendo ficar aqui, residente, se não em presença real, ao menos em espírito constante, em continua preocupação. Ainda de longe, pensarei em vós, e pensarei convosco. Serei um dos menores sacerdotes do culto que nos congrega: o da nossa história e da nossa língua. E, à míngua do brilho que vos não posso dar, poderei dar-vos o fervor da minha crença e a honestidade do meu labor.

AOS HOMENS DE LETRAS DE PORTUGAL

*No banquete oferecido pela revista “Atlântida”.
Lisboa, 31 de Março de 1916.*

Senhores, um escritor português, João de Barros, e um escritor Brasileiro, Paulo Barreto, depois de ter inventado muitas páginas de encantadora literatura, tiveram um achado geográfico: encontraram essa misteriosa *Atlântida*, nunca marcada no roteiro dos navegadores, mas sempre sonhada e vaga mente citada por historiadores e cosmógrafos de ardente imaginação. Uma ilha, ou um arquipélago, ou um continente, terra nebulosa, nebulosamente apontada nos fantásticos mapas de mitografia... Um único dado preciso aparecia em todas essas indecisas citações: aquele esquivo torrão deveria existir no meio do Atlântico, a oeste de Gibraltar. No Atlântico, a oeste de Gibraltar? — por consequência, entre a Europa e a América, entre Portugal e o Brasil...

Para homens de ciência era pouco: mas, para dois poetas, foi bastante: não é o primeiro, nem será o último dos milagres da poesia. O fato é que foi descoberta, abordada e conquistada a *Atlântida*, em cujo seio verde e risonho os dois Colombos plantaram o seu pavilhão estrelado, tecido de sonho e de arte.

Novíssimo continente moral, de amor e de defesa, *Atlântida* liga o velho e o novo, e, une principalmente Portugal e o Brasil, as duas pátrias eternamente irmãs. Este banque te, de que sou apenas pretexto, é um dos instrumentos do vasto programa da admirável revista.

Todo o resto de vida que ainda terei no mundo, e uma outra vida nova que me fosse dada, não me bastariam para que eu pudesse pagar-vos, em gratidão e devotamento, a dívida de que me oprimis. O que ontem me foi dito, na Academia das Ciências, e o que acabo de ouvir, nesta sala, é um universo que a minha alma não pôde conter. Ao Brasil entregarei as vossas palavras e os vossos beijos: A toda a minha pátria, aos meus companheiros de trabalho, aos homens que dirigem a nação, a todos os que vivem e labutam nas cidades tumultuosas e nos sertões pacíficos a todas as almas que estão criando, em esforço, em sofrimento, em esperança, a grandeza do nosso futuro, direi que Portugal, neste supremo instante de fervor patriótico e de luta sagrada, estende ao Brasil, através das águas imensas, os seus braços, a sua alma, toda a sua infinita confiança e todo o seu infinito amor.

Permiti, senhores, que eu não dissipe estes minutos de divina glória em palavras inúteis de agradecimento vulgar.

Não desejo que esta reunião seja apenas um “outeiro”, como os que se realizavam nos pátios dos conventos, na era mais brilhante do Elmanismo, torneios frívolos, em que motes e glosas lampejavam sem ter idéias e morriam sem deixar lembrança. Somos felizes, intensamente felizes, porque vivemos este ciclo heróico; e ainda mais felizes seremos os que não tivermos fechado os olhos sem ter assistido ao epílogo do drama, sem ter visto as revoluções políticas, sociais e artísticas, que, nascerão, em florações sublimes, desta trágica sementeira de sangue e de glória. Aproveitemos a boa fortuna que nos é dada! Não sejamos, agora, unicamente, *trovadores* sentimentais, como aqueles que, em língua de *oc*, rimavam sonetos e pastorais inocentes; sejamos também *troveiros*, como aqueles que, em língua de *oil*, se dedicavam à alta poesia lírica, ao estro épico, ao louvor dos heróis e dos grandes gestos da bravura e da bondade. Não desejo que deste ágape se diga que foi um arremedo do “Banquete de Platão”, formosas mas fúteis divagações socráticas sobre o amor... Nesta época, a arte pela arte seria uma monstruosidade moral. Ermaram-se todas as torres de marfim: todos os verdadeiros poetas, todos os depositários da chispa divina saíram dos seus ascetérios entre nuvens, e baixaram à esplanada em que se decidem os destinos da humanidade.

Se não podemos estar ao lado dos que se batem nos campos da luta, pensemos, me ditemos, e empenhemos, a força da nossa alma em cogitações dignas deste momento.

Falemos da vossa literatura, que é a minha, espelho vivo; e vivo resumo de toda a nossa civilização. Falemos do futuro da nossa raça.

A vossa literatura é um rio soberbo, estendido no leito do tempo, pelo curso prodigioso de sete séculos. Vejo-o, trêmulo fio de água, brotando das humildes taliscas da agreste rocha da Idade Média, sepultada na floresta da barbaria brava e intonsa, desordenadamente viçando sobre as ruínas dos templos da civilização romana devastada: — os primeiros trovadores portugueses, as lendas medievais, e Vasco de Lobeira, — o admirável “Amadis de Gaula”, onde já transluzem as grandes virtudes da raça, a força e a generosidade, a fúria e o lirismo, o desinteresse e a fidelidade da cavalaria andante. Adensa-se o arroio, e já o seu caminho se bifurca: e o idioma português separa-se do castelhano. Nascem os poetas palacianos e os primeiros historiadores... Logo depois, engrossado, expande-se o ribeiro, liberta-se do ergástulo da selva nativa, esplende ao livre sol, retrata na toalha líquida o infinito azul do céu. É a era clássica: três séculos de fecundidade e de magnificência: os quinhentistas, os seiscentistas, os árcades. Às margens do curso risonho, rebenta uma “flora suave. Bernardim Ribeiro, alma formosa, sorri. Todo o vale, em cujo fundo desliza a corrente fresca, ressoa cornamusas e charamelas enfeitiçam o ar com a sua harmonia ingênua; povoam-se os prados de bucolistas, de novelistas da cavalaria, de rimadores de pastorais. É a idade da graça e da inocência, a

primavera da língua, a puberdade da raça. Mas, em breve, o rio, mais demorado, remansa-se e espraia-se; mais grave é a sua voz, e majestoso o seu fluxo; parece que o seu vigor se concentra, aprestando-se para próxima crise. É o meio dia, o trabalho depois do devaneio, o pensamento depois do sonho. Gil Vicente funda o teatro; surgem os autos e as farsas; e Sá de Miranda, Ferreira e à Plêiade dão sangue e fibra ao idioma já feito. E ei-la, de repente, a crise... O terreno levanta-se, alcantila-se, suspende-se, e escava-se. E a massa formidável das águas roda no ar, cascadeia em ressaltos rutilantes, precipita-se em mós atroadoras, ganha o espaço em pulos, em rugidos, em remoinhos, em vórtices, e reboa, e desaba, e cai, no auge da força, no supremo poder do sangue e do gênio: é Camões, que enche o século. A calma, em seguida, e o remate e o polido da obra: os seiscentistas, o culteranismo, e a Arcádia; as tragicomédias, e as comédias; o apuro da idealização, o apogeu do classicismo, o latinismo de Filinto Elísio, a métrica incomparável de Bocage. Opulenta, a corrente ainda mais se enriquece, recebendo o tributo dos afluentes do Romantismo francês, como antes acolhera o subsidio dos acorrentes da Renascença italiana: os dramas românticos, os romances de ar dente amor, a poesia dos ultraromânticos, o tradicionalismo de Herculano, o nacionalismo de Garret, e, depois, o naturalismo de Eça, e enfim, o moderno lirismo de João de Deus e Guerra Junqueiro... Hoje, estamos na foz imensa, no radiante estuário. Alongo os olhos para todo os lados, e não vejo raias no horizonte sem fim. Vejo apenas as águas... E vejo-vos, admiro-vos e amo-vos, meus mestres e meus irmãos, que sois as ondas cantantes e triunfantes deste glorioso rio da nossa civilização!

Infelizmente, houve um momento, em que, à tona destas águas puras, boiou uma vegetação verde-negra, estendal de sargaços venenosos. Foi a literatura da ironia, mãe da descrença e do impatriotismo. Amaldiçoada e sinistra, esta germinação de ervas daninhas! A ironia é, às vezes, nobre e criadora, quando, nascida da revolta de um grande amor maltratado, é fundamente temperada de piedade e amassada de amargas lágrimas de sangue. Mas a perversa ironia vulgar, a ironia mordaz, fria, consciente e calculada, sem sofrimento, sem choro, sem gritos, — essa maldade de matar pelo envenenamento gradual; sarcástico, infecundo, estiolador de toda a crença, toda a esperança e toda a bondade da comunhão, — essa ironia é um crime torpe, que não pode obter perdão nem misericórdia...

Mas rejubilemo-nos! A fase ignóbil passou. Fatalmente devia passar. A duração longa de tal moléstia seria a senectude nacional irremediável, o marasmo, e a morte; e uma nação, — todo um povo forte, toda uma raça no pleno viço do outono, — não poderia ser sacrificada por um bando de loucos amorais, sem coração e sem gênio. Porque os ironistas relapsos e os irreduzíveis sem pátria nunca são homens de coração e de gênio. Os grandes homens, e os homens ao menos equilibrados não deixam o seu espírito naufragar nesse desastre sem honra. Às vezes, uma perversão passageira pode extraviá-los: mas a íntima

consciência e o natural pudor arrancam o seu talento e a sua dignidade do tragadouro imundo. Ouvi dizer algumas vezes, que Eça de Queiroz, o maravilhoso ourives da nossa língua, meu bem-amado mestre, foi um ironista desamorável do seu país e dos seus irmãos... É falso! A sua ironia foi aquela que é dolorosa e santa, aquela que fere para curar, aquela que magoa mais o magoador do que o magoado. Mas aceitemos que, acidentalmente, desenraizado pelo exílio, ele tenha deixado, por algum tempo, sem trato e sem culto o seu nacionalismo. Se o pecado existiu, a redenção foi completa e admirável. Porque, antes de morrer, Eça de Queiroz teve a fortuna de deixar esse definitivo poema de graça e de ternura *A Cidade e as Serras*, em cujas últimas páginas o seu grande espírito, depois de matar todos os ridículos do exagerado estrangeirismo e da desmoralizadora desnacionalização, entoou o seu extremo suspiro de bom filho de Portugal, num hino incomparável de adoração e de meiguice à beleza do seu céu, à bondade da sua terra, à generosidade do seu solo, ao carinho das suas árvores, à franqueza e à honra dos seus homens, e à misericordiosa e puríssima brandura das suas mulheres.

Dissipou-se o pesadelo. Varramos de nós a lembrança dessa literatura, que nasceu e morreu sem ter vivido. A nossa literatura, aqui, e no Brasil, é hoje nacionalista, e será nacionalista. Na vastidão do seu domínio, o rio soberano recorda e venera as suas origens, e, essencialmente, sente-se o mesmo fio de água nascente, o mesmo arroio infante, o mesmo ri beiro adolescente que foi outrora.

Os vossos poetas e os nossos poetas querem ser da sua terra. Que poderemos valer, se todo o nosso valor não vier do valor da nossa terra? O diretor da *Atlântida*, João de Barros, — este generoso poeta, que me dá hoje a ventura de dar-me a vossa companhia e a vossa amizade, — deu a um dos seus lindos livros de versos, um título, que é uma bandeira e uma profissão de fé: Anteu. Que força espantosa alimentava o corpo daquele gigante, filho de Netuno e da Terra? Podia Hércules subjugá-lo, quando o levantava do solo. Mas, quando os seus pés tocavam o chão, o lutador ganhava novo alento; revigorava-o a Terra; o contacto do seio materno tornava indomável o seu corpo e divinizava o seu espírito. Só é grande homem quem é bom filho.

A moderna literatura, portuguesa não é apenas um templo de arte: é também uma escola de civismo. Na poesia, no romance, no drama, a alma nacional está enchendo cérebros e corações. Os exemplos são tantos, que a citação é impossível. Basta a indicação de dois artistas, ao lado dos quais tantos outros resplandecem e perduram: entre os menos novos, Henrique Lopes de Mendonça, esse nobre historiador-poeta, que transplantou para o palco a vida de tantas páginas dos anais do país, e, entre os mais novos, Júlio Dantas, o admirável escritor da *Pátria Portuguesa*.

No Brasil, esta mesma corrente sagrada liga todos os verdadeiros homens de letras, dignos da profissão e do nome. Daquele imenso território, revestido de espessas flores tas, — outras florestas morais estão viçando, novas gerações literárias, nutridas de intenso brasileiro. A história e o “folk-lore”, a natureza e a imaginação, a graça da terra e o estudo das fontes da nacionalidade dão seiva àquelas selvas de beleza. Dois nomes basta-riam para enriquecer toda uma literatura: o de Alberto de Oliveira, o glorioso artista das “Meridionais” e dos “Poemas e Sonetos”, meu guia e meu conselho, — e o de Coelho Neto, meu querido irmão, prodigioso romancista, pintor e poeta dos nossos sertões. Já temos três séculos de cultura e de patriotismo. Crentes e confiantes, encaramos “sem receio os séculos e séculos que engrandecerão a nossa pátria.

Mas, Portugueses e Brasileiros, não seja mos apenas artistas, e bons artistas; sejamos educadores, e bons educadores. Somos nós os legítimos depositários da nossa civilização. De mos o nosso carinho, o nosso conselho, a nossa direção aos talentos que se estão formando e aos que têm de nascer. Devemos dizer-lhes: “Sede vós, sede a vossa terra! Sede vós, e não sejais imitadores dos outros; sede vós, nos assuntos da vossa idealização; e prezai a vossa língua, respeitando-a, e libertando-a- de feios aleijões, do calão pesado que a desonra, e dos estrangeirismos inúteis que a sobrecarregam!”

Não sou inimigo irreconciliável de todos os peregrinismos, porque amo e admiro enxertos formosos, que possam opulentar e alindar o nosso idioma. Mas o exagero é sempre hediondo. As línguas são como as mulheres: vestidas com pureza e simplicidade, são enlevo para todos os olhos artistas e para todas as almas finas; mas, como cortesãs ou Ídolos bárbaros, arreadas de ouropéis vistosos e untadas de cosméticos enganadores, são apenas agrado para sentidos grosseiros e instintos baixos. Também não sou purista extremado, de um purismo que se abeire da caturrice. Será ridículo que os nossos netos falem e escrevam exatamente como falaram e escreveram os nossos avós; também seria ridículo que o nosso estilo de hoje fosse a reprodução fiel do estilo dos quinhentistas. Mas se o tesouro do vocabulário, o movimento das locuções, o ritmo das frases podem e devem ser variados e aperfeiçoados, — a sintaxe, que é a estrutura essencial do idioma, é perpetua e imutável.

Digamos isto aos nossos continuadores. Digamos-lhes ainda: que somos latinos, e que queremos ser latinos em nossa descendência. E, para isto, pelo exemplo e pela lição, preguemos a decência do pensar e do dizer, a graça, a justeza e a sobriedade — virtudes máximas do gênio latino.

E, senhores, estas palavras — o gênio latino — devem transportar-nos, em espírito, para os campos heróicos, em que milhões de homens estão lutando e morrendo em favor do nosso ideal. Não é somente a sua própria vida e a sua própria independência que a França e as suas aliadas estão salvando. Estão em

jogo a existência e a liberdade, a honra e o futuro de todas as nacionalidades, disse minadas pela Europa e pela América, nasci das da antiga civilização do Mediterrâneo, ir manadas pela arte e pela filosofia, e ligadas pela afinidade dos idiomas brotados do tronco do Lácio...

Saudemos Portugal e o Brasil! Mas não nos separemos hoje, sem que os nossos corações se voltem, unidos num mesmo afeto e numa só esperança, para os exércitos aliados, para todos os soldados anônimos, para todos os heróis obscuros que, em torno de Verdun, defendem a glória e a força perpetua da Grande Loba, nutriz da nossa cultura!

AOS ESTUDANTES MINEIROS

Em Belo Horizonte. 24 de Agosto de 1916.

Meus amigos. Em vós, na vossa mocidade, no vosso entusiasmo, beijo a terra de Minas, coração do Brasil.

Cada um de vós deve ser um alfobre sagrado, bendito viveiro de idéias, em que se germinem as vivas sementes, aquecidas pelo altruísmo dos vinte anos, e transplantadas depois para outros canteiros mais vastos. Acolhei as minhas palavras, e espalhai-as sobre todos os corações mineiros!

Vinte e dois anos da minha vida decorreram entre o dia, em que vi pela primeira vez estas paragens, e este dia de reconhecimento e de saudade. O reconhecimento é de intenso júbilo, e a saudade é suave, sem travor de desconsolação. É como se eu revisse, alta, frondosa, de fastígio verde alastrado no céu*, de galhos amplos alegrados pelas flores, uma planta, que já vira pequena e fraca, ensaiando a vida; é como se agora me deslumbrasse, com a graça forte da puberdade, a mulher, que já aos meus olhos se entremostrara na primeira infância, no indeciso rebentar da existência... As saudade punge no reencontro, quando as ruínas da alma do espectador se casam com as ruínas do espetáculo; triste é o regresso, quando o mesmo estrago fez o tempo na alma, que lembra, e na árvore ou na criatura, que se desfolhou da fecundidade e da beleza. Mas, quando a velhice apenas existe no corpo e no espírito do que regressa, e quando o passo dos anos, em vez de matar ou enfraquecer, cresceu e revigorou o objeto da saudade, — a saudade é uma piedosa ressurreição fictícia para o forasteiro que retorna. Tal é o sentimento consolador, que me enternece, neste dia delicioso; revendo Belo Horizonte, rejuvenesço.

Era ao cair de uma tarde de janeiro de 1894. Depois de viajar algumas léguas do ser tão mineiro, vindo de uma romaria histórica a Santa Luzia do Rio das Velhas, teatro do epílogo da guerra civil de 1842, cheguei a estas planícies esplendidas; vadeei o ribeirão dos Arrudas; saudei de longe o pico da serrania, que topetava as nuvens de ouro; e descortinei o anfiteatro em que hoje sorri a vossa capital.

A imensa arena brava abria-se para o oriente, encostada, ao sul, à lombada do Curral, e, ao norte, à da Contagem. O sol deixara no céu o cruor do seu holocausto. Um dobre da sino embalava a tarde. Uma doce melancolia "enfeitava o ar. E, com as primeiras sombras, entrei o povoado, estirando no centro do chapadão a haste longa e as traves curtas da sua edificação em T, pequeno burgo de cem fogos. As ruas rudimentares eram quatro: a de Sabará, a de Deodoro, a do Capão e a de Congonhas. Uma praça larga, mal achanada, com um alto cruzeiro de madeira, rasgava-se em frente à igreja tosca. Perto, à volta

da aldeia, algumas culturas e alguns cortumes, testemunhando o trabalho da gente simples; e, longe, moldura imensa, os matagais brenhosos, os montes áspersos, Santa Cruz, Lagoa Seca e o Acaba- Mundo...

Doce saudade! Mas não venho contar-vos esta reminiscência apenas como desabafo da minha vida sentimental, simples impressão literária. Esta visita é, para a minha esperança de Brasileiro, um tônico, e, para a minha confiança, uma afirmação. Como duvidarei das energias essenciais do meu povo, se venho hoje encontrar estas avenidas, estes palácios, estas fábricas, estas escolas, este trabalho, esta alegria, neste mesmo lugar, em que, há vinte e dois anos, achei um lugarejo humilde, um campanário obscuro, quase corujeira anônima entre montanhas brutas? Uma centelha de coragem bastou para operar este milagre...

Quando se alastrar por todo o Brasil o incêndio salvador, em que se congregarem to das as faíscas dispersas que relampejam na alma Brasileira, outras maravilhas, outros prodígios dramatizarão a nossa vida, precipitando-a para apoteoses de heroísmo. Não desdigo nem desminto a indignação que me inspirava, há um ano, quando eu falava aos vossos irmãos de São Paulo. O mal, que nos adocece, continua a minar o nosso organismo: a doença é inveterada, e a cura será longa. Mas nunca houve desesperação na minha revolta. Creio, espero, confio. Uma rajada de entusiasmo sopra sobre o Brasil; a ventania saneadora varrerá todas as tristes paixões e todos os baixos interesses.

A Liga da Defesa Nacional fundada no Rio de Janeiro, é patrocinada pelos mais belos nomes do país, entre os quais o meu apenas serve para realçar, pela sua pequenez, “grandeza dos outros. Verdadeiros estadistas e políticos, educadores, juízes, juriconsultos, velhos servidores do Exército e da Marinha, comerciantes, industriais, agricultores, publicistas, representantes de todas as classes produtoras e dirigentes estão à frente desta aliança de vontades, centro de conselho e persuasão, de estímulo e conforto. Pacifistas, sempre queremos e pregaremos a paz; mas, sentindo e medindo os perigos externos e internos, que nos rodeiam, procuraremos dar força armada à nação, dando segurança à sua paz e à sua felicidade. Anti-militaristas, não arrastaremos o país a megalomanias de orgulho belicoso; mas celebraremos a tradição do heroísmo, que nos deu respeito e brilho na fase épica do Império; e, ao contrário de inventar e fortalecer uma casta privilegiada de militares, empreenderemos que o Exército seja o povo e o povo seja o Exército, de modo que cada Brasileiro se ufane do título de cidadão-soldado. Apoiaremos pela convicção e pela tolerância, sem violências de regulamentos, sem demasias de ex pressão, o sorteio militar, lei benigna, que não desorganizará o labor e a ventura dos lares. Estimularemos e esclareceremos o patriotismo individual. Organizaremos e animaremos batalhões de linhas de tiro e de escoteiros. Pelejaremos por uma intensa e constante difusão de instrução primária e profissional. Daremos às mãos de

cada professor e de cada estudante, de cada patrão e de cada operário, de cada oficial e de cada soldado, um catecismo cívico. Trabalharemos, enfim, para o trabalho, para a liberdade, e para a honra de todos os Brasileiros.

Vinde conosco, moços, que amais a vida, e deveis preparar a grandeza e a dignidade da vida futura do Brasil!

Daqui, vos convido a uma „ contemplação magnífica...

Na manhã seguinte ao dia da minha chegada a esta zona mineira, há vinte e dois anos, subi ao Acaba Mundo, por uma vereda agreste, que coleava entre os caminhos de Lagoa Seca e Santa Cruz. Cheguei a mil metros de altura, e fartei os olhos da paisagem bárbara e majestosa. A um lado, empinava-se a montanha alcantilada, vestida de selvas. Do outro lado, estendia-se o vale; e, depois do vale, outra serra, e outros vales sem conta, e outras serras sem número, serras e serras azuladas, espumando em neblinas, como vagalhões de um oceano sem termo... O infinito enchia os meus olhos, e entontecia-me. E compreendi, então, a felicidade do epíteto geográfico desta localidade.

Guardai este nome — Belo Horizonte. Conservai-o, título imutável para vossa capital. E não seja ele somente um título, mas um símbolo e uma preocupação constante. Que a grandíssima perspectiva rasgada ao vosso olhar sugira às vossas almas outros alargamentos soberanos, novas extensões augustas, novos paramos para o exercício da vossa ansiedade e para a vossa ambição nacional. Além do círculo máximo aparente, que termina a abóbada celeste, além da linha circular sensível, em que imaginamos o contacto da terra e do céu, além do horizonte racional, que a astronomia determina e mede, há um outro horizonte, moral e invisível, sem limites e sem medida, — o futuro: é o domínio, quê, só pode ser devassado e conquistado pelas almas que crêem e querem.

Galgai com o pensamento, devorai com o sonho as distâncias de espaço e de tempo, que se abrem à vossa mocidade e ao vosso patriotismo! o belo horizonte, da glória está patente e livre para o vosso vôo... Libertai-vos de vós mesmos! O Brasil é pobre, é fraco, e triste? Sede ricos de abnegação, e ele será opulento. Sede fortes de civismo, e ele reventará em energias. Sede alegres, e ele vibrará no largo riso dos que, tendo a consciência da sua força, tem a paz e a justiça!

OS ESCOTEIROS

*Na Academia Mineira de Letras.
Belo Horizonte. 26 de Agosto de 1916.*

Senhores. Esta recepção cordial, o vossa favor e a vossa benevolência alegram o meu coração de homem de- letras e de Brasileiro. O que mais prezo e estimo não é o louvor excessivo, com que me honrais, explicável, não pelo pouco merecimento meu, porém pela grandeza da vossa bondade. O que prezo e estimo altamente é o admirável brilho da inteligência Brasileira e a fervorosa religião pela nossa língua, que venho encontrar nesta imensa região do Brasil. Há poucos meses, na Europa, na Academia das Ciências de Lisboa; ontem, e sempre, na minha assídua frequência à Academia Brasileira, no Rio de Janeiro; e hoje, na Academia Mineira, o que me tem orgulhado e orgulha é a segurança da larga extensão do domínio do nosso idioma. Domínio, que ainda não é perfeito, porque a verdadeira difusão de uma língua não é a que se calcula pelo número das bocas que a falam, bem ou mal, mas pela quantidade das inteligências cultas que a empregam, pela soma dos homens conscientes que a lêem e escrevem. Completo senhorio será o da nossa língua, quando a instrução tiver arroteado a multidão dos trinta milhões de cérebros que vivem nesta terra. Há de vir esta perfeição, e virá pela competência e pela pertinácia daqueles que, como vós, lutam por guardar a possessão já existente, e alargá-la e aperfeiçoá-la.

Sois defensores do nosso idioma. Admiro-vos e abraço-vos. Não condeno a criação de várias Academias regionais, nos vários Estados do Brasil. Antes a aplaudo e exalço. O regionalismo literário não desorganizará a unidade da literatura, como não perturbará o regionalismo político a unidade da pátria, contanto que estas duas espécies de autonomia respeitem a existência de um laço forte e apertado, que dê coesão à federação: uniformidade judiciária, econômica e cívica para a federação administrativa, e uniformidade idiomática para a federação intelectual.

Defender a língua nacional é defender a independência e a fortuna da nação. E, para que todas estas condições essenciais do nosso progresso material e moral eficazmente sejam sustentadas e robustecidas, é preciso que todos os nossos homens de grande alma, filósofos e poetas, sejam educadores.

Permiti que me aproveite deste feliz encontro amável para que hoje, no recinto desta Academia, em vez de oferecer-vos devaneios de mera literatura, eu peça a vossa atenção e o vosso carinho para uma das faces do vasto problema complexo da nossa educação. Não sois egoístas cultores do feiticismo verbal, sacerdotes malabaristas da religião da palavra pela palavra. Sois verdadeiros

artistas. Sois pensadores. Sei que vos agradarei, convidando-vos para alguns minutos de pensamento útil.

O escotismo será o meu tema, explanado em frases simples e sincera comoção.

A escola dos escoteiros, uma das células primárias do organismo da educação cívica e da defesa nacional, tem um objetivo que se resume em breves linhas.

É a educação completa dos adolescentes. O escoteiro, desde que se inicia no tirocínio, anda, corre, salta, nada, monta a cavalo, luta, defende-se, maneja armas; mantém-se num constante cuidado do asseio do corpo e da alma; afasta-se da prática de todos os vícios; adquire noções de física, química, botânica, zoologia, anatomia, geografia, topografia, astronomia; orienta-se pelo sol, pela posição das estrelas, pelo relógio, pela bússola; manuseia o termómetro e o barómetro; mede o caminho que percorre; estuda os mapas; sabe acender o fogo e cozinhar; faz acampamento, recebe e transmite comunicações pelos telégrafos Morse e Marconi, por meio de luzes, de sinais por bandeiras e pelos gestos dos braços; instintivamente aprende tática e estratégia; pode eficazmente socorrer feridos e vítimas de quaisquer desastres; alimenta e desenvolve os seus nobres sentimentos; abo mina a mentira; reputa sagrada a sua palavra de honra; é disciplinado e obediente; é cortês, considera como irmãos os seus companheiros; ampara as mulheres, os velhos, os enfermos; opõe-se à crueldade sobre os animais; é económico, mas condena a avareza; respeitando a própria dignidade, respeita a dignidade alheia; é alegre; esforça-se por dizer claramente o que sente e exactamente descrever o que vê; pensa, raciocina, deduz; e, enfim, conhece a história e as leis do seu país; é patriota, e estimula a sua iniciativa.

Basta isto, para que se veja que, no escotismo, se inclui todo o ensino da infância e da adolescência, como o compreendia Platão, dizendo: “a educação tem por fim dar ao corpo e ao espírito a beleza e tola a perfeição, de que eles são susceptíveis”, e como o concebiam Spencer, professando: “a educação é a preparação para a vida completa”. Esta admirável escola ao ar livre abrange todos os pontos, que se contêm no programa da moderna pedagogia. Primeiro, a instrução física: a conservação ou o restabelecimento da saúde, pela higiene e pela mediana, e o desenvolvimento normal e progressivo de todas as funções do corpo, pela ginástica e pelos jogos escolares.

Depois, a instrução intelectual: o amestramento dos cinco sentidos, a percepção externa e a interna, a cognição e a experiência; a consciência, a personalidade, e a liberdade; a faculdade de conservação — a memória; e as faculdades de elaboração — a atenção a abstracção, a generalização, o juízo, o raciocínio, e a imaginação. Enfim, a instrução moral; a sensibilidade, e a sua cultura; o amor próprio, o amor e o respeito da propriedade, do livre arbítrio, da independência,

da emulação; o altruísmo, a benevolência, a beneficência, a amizade, a docilidade; o amor da pátria, do belo e do bem; o brio, a coragem, a disciplina; e a cultura da vontade, e a formação do caráter. E este curso completo de adestramento é feito no seio da natureza, na alegria da vida desportiva, pelo gosto próprio, pela prática, pela lição das cousas.

O escotismo forma homens e, ainda mais, heróis. É a heroicultura. Em cada escoteiro, no último grau da iniciação, existe um “agenor”, no sentido do vocábulo grego: homem de coração.

Há pouco tempo, em São Paulo, um educador, o Sr. João Kopke, numa conferência, lembrou que os antigos gregos davam aos éfebos, “sem ensino especial de civismo, meios de cultura própria, apenas por um programa limitado, entre os sete e os dezoito anos, formando uma boa e bela forma de homem, com a sua inteligência, os seus sentimentos e o seu corpo treinados”.

Não era aquele ensino da efébia o mesmo ensino que hoje damos aos escoteiros? Mais ainda: o juramento do escoteiro no primeiro grau da iniciação, e os doze artigos do código do escotismo são uma reprodução aproximada da afirmação, que os éfebos espartanos e atenienses prestavam, quando, perante os magistrados, recebiam a lança e o escudo: “Nunca aviltarei estas armas, nem abandonarei o meu companheiro na Tileira; combaterei pela defesa dos templos e da propriedade; respeitarei as leis; e transmitirei a minha terra própria, não só não menor, porém maior e melhor do que me foi transmitida”.

Mas o juramento e o código do escoteiro têm mais larga e mais bela significação, do que a fórmula dos éfebos. A moral e o governo de Esparta e de Atenas tinham estreiteza e secura de egoísmo.

Si quisermos dar ascendência legítima, e foros e brasões de alta nobreza à moderna criação do escotismo, deveremos radicá-lo na tradição medieval da Cavalaria Andante. O grande ímpeto de desapego, de liberdade, de coragem e de altruísmo, que dispersou os cavaleiros andantes pelo mundo, foi o mais belo serviço da idade média. Os abusos da cavalaria não a mataram. Os exageros de uma virtude matam-se a si mesmos; e deixam viva e inalterável a força de alma que foi exagerada. Também, sobre o curso dos rios as cidades despejam todos os dejetos da sua vida; a água, turvada e infamada, aceita com resignação a afronta; mas, em breve, libertada do contacto dos centros populosos, na sua incessante agitação, torvelinhando sobre o leito de pedra e musgos, expurgando-se com o banho do ar livre, abluindo-se em si mesma, é daí a pouco a mesma linfa imaculada, reproduzindo a clareza e a virgindade da nascente. Assim, o sentimento de honra, que inspirava os paladinos. Que era aquela instituição? Uma exaltação da alma, que a impelia para a glória, para a justiça, e para o desinteresse: os heróis errantes eram bravos e pródigos, destemidos e

puros; respeitavam e protegiam os fracos, defendiam as viúvas e os órfãos, subjugavam a tirania insolente, veneravam a mulher e davam ao amor um culto religioso... Morreram os abusos, mas a essência sublime ficou. Enquanto houver brio e bondade no mundo, sempre haverá cavaleiros andantes.

No escotismo — e é esta a sua maior e mais verdadeira beleza — a exaltação reveste-se de um distintivo pratico, sem perder a sua poesia sublime. Na Cavalaria, às vezes, a idéia da honra era vaga; a da generosidade, indecisa; a da abnegação, indeterminada; às vezes, era o sacrifício perdido, a bravura sem proveito, a dedicação inútil. No escotismo, a idéia da honra define-se: é a honra do indivíduo, e a honra do cidadão; e o desinteresse e a magnanimidade não são apenas gestos formosos: são ações justas e úteis, — justas para a perfeição humana, e úteis para a grandeza da Pátria.

Tal é, em suas linhas fundamentais, a criação do escotismo. A vós, meus companheiros de trabalho literário, cumpre a tarefa da propaganda, da organização e da direção, em Minas, da nova heroicultura, filha de Baden Powel.

Esta educação de alta poesia deve ser agitada e defendida por poetas.

Diz-se que o Brasil é uma terra de poetas. E isto é dito, às vezes, com um desdenhoso franzir de lábios e um ultrajoso dar de ombros... Aceitemos com prazer a afronta da ironia! Seja ela o nosso orgulho. Sim! Somos e queremos ser um povo de poetas! Antes poetas, que desanimadas máquinas humanas; antes poetas, que interesseiros traficantes; antes pássaros leves, ávidos de luz, tontos de sons e de perfumes, contentes de liberdade, insaciáveis de espaço e de brilho, que bácoros lerdos e lambazes, amigos do lameiro gordo, satisfeitos do gozo material! E que ha, no mundo, de nobre, de grande, de digno, de formoso, que não seja poesia? A vida, em si, é poesia; Carlile disse que a vida humana é um milagre: “nós tocamos o céu, quando toca mos um corpo humano”; e milagre, poesia divina, é a circulação do sangue, o mecanismo secreto do sistema nervoso, a vida psíquica, que infinitamente multiplica em idéias cada sensação dos nossos sentidos rudimentares. E a ciência, todas as ciências, desde a física, descobridora das maravilhas do movimento e da luz, até a matemática, mãe de números e de abstrações, são poesia. Poesia é a filosofia, mecânica celeste do universo dos seres, dos princípios e das causas, geometria e música das formas e dos ritmos do pensamento...

O trabalho, deus criador; a agricultura, mestra amável, que transforma arneiros estéreis em paraísos de promessa; a indústria, feiticeira engenhosa, transformadora das matérias brutas em instrumentos da fartura e da felicidade; o comércio medianeiro providente, que criou a navegação, inventou os transportes, e maquinou a civilização, — são poesia. Poesia é a política, quando,

em vez de ser uma profissão de trampolineiros, é a arte e a ciência de dirigir legiões de heróis, em vez de pastorear manadas de escravos. Tudo é poesia! Só não é poesia a preguiça moral, a mesquinha de alma, a falta de coração dos que duvidam da crença dos outros, porque, indignos de viver, são incapazes de crer...

Sejamos um povo de poetas! E criemos gerações de poetas!

Tomai a peito a causa do escotismo. E lembrai sempre que o escotismo, sobre ser uma escola de força, de destreza, e de patriotismo, é, principalmente, uma escola de honra. Diz um brocardo, numa expressão graciosa, que “o homem é filho da criança”; o que quer dizer que na alma da criança devem ser regadas as boas ações, que florescerão na mocidade e frutificarão na idade madura. A idéia da honra, abstração sagrada, inclui em si muitas idéias: a da fidelidade, a do valor, a da equidade, a da responsabilidade, a do pundonor, a da indulgência, a da confiança, a da firmeza de caráter. A honra é toda a dignidade, toda a personalidade moral. Dando a um menino, depois da força e da inteligência, a honra, — esse menino será um homem per feito. E uma pátria só pode ser nobre e inabalável quando a grande maioria de seus filhos é de homens verdadeiramente honrados, — honrados no lar e na vida pública, honrados como dirigidos e como dirigentes.

Se, com o nosso trabalho, depois da nossa morte, deixarmos gerações de homens perfeitos, esses serão os nossos melhores versos, as nossas melhores páginas de história, de ficção ou de filosofia. Que valem nós, pelo nosso trabalho literário? Em dois anos, ou em dois séculos, os mais fortes livros desfazem-se em pó, e os maiores nomes dissipam-se em névoa... Mas valem muito pelo que trabalhamos para o pensamento e o afeto dos nossos filhos. Da caudal da vida somos apenas ondas anônimas, ou gotas de água, ou, menos ainda: flocos de espuma. Nada sabemos do mistério da nascente, nem do mistério da foz... Aparecemos, corremos, murmuramos, brilhamos, vive mos e morremos. Baste-nos isto... Abençoada seja a vida! Ao menos, um dia, um minuto, um instante, fomos uma parcela, um raio de luz, um pouco da afirmação e da consciência da maravilhosa torrente. Abençoada seja a vida, porque ela nos deu o pensamento e o amor: pensar é um supremo orgulho, e amar é uma incomparável ventura. Abençoados sejam os nossos maiores, que nos deram esta pátria livre e formosa! E abençoados seremos, se aos nossos sucessores entregarmos aumentada a herança: esta liberdade fortalecida em disciplina e esta formosura acrescida em glória!

À LIGA DA DEFESA NACIONAL

*Instalação do Diretório Central, na Biblioteca Nacional.
Rio de Janeiro. 7 de Setembro de 1916.*

Peço permissão para poucas palavras — não um discurso — apenas uma singela nota, que explique sumariamente os motivos desta primeira reunião.

O patriotismo e a influência, a fé e a responsabilidade, a abnegação e o crédito dos Srs. Pedro Lessa e Miguel Calmon conseguiram reunir-vos. Apellando para a vossa competência, para a vossa sabedoria e para o vosso fervor patriótico, esses dois grandes Brasileiros viram coroado de triunfo a sua nobre iniciativa. A Liga da Defesa Nacional está fundada. Contendo representantes de todas as classes produtoras e defensoras do país, este Diretório Central, se não congrega todos os grandes nomes do Brasil (o que seria impossível), congrega alguns dos maiores, dos mais belos e respeitados, alguns que já fazem parte do patrimônio moral da nossa terra.

Os dois organizadores da Liga, por um excesso de generosidade, que não posso explicar e não sei agradecer, além de associar o meu pobre nome aos vossos, quiseram dar-me esta suprema honra, investindo-me da dignidade de interpretar os seus sentimentos. Ousei aceitar a incumbência. Mas perdoareis, de certo, o meu atrevimento, atendendo a estas atenuantes: a simplicidade, a clareza, a brevidade do que vou dizer.

O país já sabe, pela rama, o que esta Liga pretende fazer: estimular o patriotismo consciente e coesivo; propagar a instrução primária, profissional, militar e cívica; e de fender: com a disciplina, o trabalho; com a força, a paz; com a consciência, a liberdade; e, com o culto do heroísmo, a dignificação da nossa história, e a preparação do nosso porvir.

O intuito principal dos que nos animam é este: a fundação de um centro de iniciativa e de encorajamento, de resistência e de conselho, de perseverança e de continuidade para a ação dos dirigentes e para o labor tranquilo e assegurado dos dirigidos.

O patriotismo individual, a crença pessoal, a consciência própria nunca estiveram ausentes do maior número das almas Brasileiras. Mas esses sentimentos oscilam e vacilam numa vaga dispersão; e, nessa mesma dispersão deplorável, perdem-se e dissipam-se os esforços isolados. A extensão do território, a pobreza das comunicações, o acordo pouco definido de uma federação mal compreendida, a míngua da ventura em muitos sertões desamparados, a inófia da instrução popular sustentam e agravam esta

desorganização. A descrença e o desânimo prostram os fortes; o descontentamento e a indisciplina irritam os fracos; a comunhão enfraquece-se. É tempo de protestar e de reagir contra esse fermento de anarquia e essa tendência para o desmembramento.

O protesto e a reação estão nesta Liga, cujo título é claro e sintético. A defesa nacional é tudo para a Nação. É o lar e a pátria; a organização e a ordem da família e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a indústria, o comércio; a moral doméstica e a moral política; todo o mecanismo das leis é da administração; a economia, a justiça, a instrução; a escola, a oficina, o quartel; a paz e a guerra; a história e a política; a poesia e a filosofia; a ciência e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade. Todo este programa vasto e complexo não pode ser estudado e esclarecido pela minha palavra incompetente. Fundada a Liga, devemos hoje confiar-vos esta missão altamente nobre. Pedimos às vossas luzes um estatuto para a Liga, e um corpo de doutrinas e de exemplos, de boa palavra e de boa ação, que sejam guia e conforto para o Governo e para povo. Às vossas mãos entregamos toda a segurança do Brasil.

Quisemos que esta primeira reunião do Diretório Central se realizasse neste dia. As sim celebraremos, sem solenidade, mas com o simples e sereno respeito dos verdadeiros crentes, o aniversário da Independência. E quisemos que esta celebração se fizesse neste lugar, — a casa dos livros, o templo das idéias, — cérebro do Brasil.

Na minha consciência, e na humildade da minha fervorosa esperança, acredito que este dia será, para a nossa história, o complemento e o remate da obra de 7 de Setembro de 1822. Inaugura-se hoje a vitória da inteira e verdadeira independência da nossa nacionalidade.

Recebei com carinho a Liga da Defesa Nacional, criação de Pedro Lessa e Miguel Calmon. Deus vos inspire, e a pátria vos abençoe!

NO RIO GRANDE DO SUL

Na sessão de recepção da Intendência Municipal de Porto Alegre.

1 de Outubro de 1916.

Srs. Presidente e membros do Conselho Municipal, Sr. Intendente, minhas senhoras, meus senhores.

Falando a vós, falo a todo o povo rio-grandense.

Quando há três dias, avistei o Rio Grande do Sul, senti que toda a sua alma sorria, abrindo-se para acolher a minha visita. O litoral do vosso Estado espelha e reproduz a lhaneza do vosso espírito. Quem vê, pela primeira vez, do alto mar, o aspecto da imensa costa, já se sente seduzido e chamado. Sem contra-fortes de desconfiança, sem asperezas de repulsa, as praias serenas e baixas, lisas e claras, rasgam-se e oferecem-se: há na sua alvura um carinho, e na sua suavidade um convite...

Esta primeira aparência ilude, tanto na vossa região, quanto no vosso temperamento. Esta suavidade, na configuração da costa, não é facilidade, e, na vossa vida, não é fraqueza. Bem o compreendi quando, enfrentando a entrada da barra, pasmei diante da surpreendente fábrica do porto, hercúleo trabalho, titânica arquitetura: aí verifiquei a real hostilidade da natureza, disfarçada, à distância, pela doçura enganadora, e, sobre essa rude dificuldade, sobre a dureza da terra e das águas, a admirável força, a imperturbável tenacidade, com que lutastes e lutais para criar e manter a riqueza do torrão em que viveis.

É que a verdadeira força é sempre temperada de brandura. Nas cousas e nas almas, a real energia é sempre tranquila e sorridente.

Da cidade do Rio Grande até aqui, contemplei o espetáculo espantoso do labor, que testemunha a grandeza de vosso patriotismo e da vossa coragem; e, ao lado disso, gozei o constante favor da vossa bondade, já experimentada pelo meu coração durante o caminho, agora aumentada e exagerada nesta tocante manifestação, com que me cativais. Quisestes, esta manhã, receber-me, nas ruas, com a alegria do vosso povo, a frescura das vossas flores, a formosura das vossas mulheres e o desempenho dos vossos soldados; e, agora, neste palácio da cidade, quereis receber-me, e honrar-me supremamente, com a palavra encantadora de um dos vossos maiores poetas.

Não sei agradecer dignamente esta dádiva de amor fraternal. E não quero desperdiçar em expressões sem calor a intensa comoção que me domina. É melhor que o meu olhar, nublado de gratidão, carregado de ternura,

mudamente pouse sobre vós, numa benção reverente. E estimareis que, fugindo à vulgaridade dos agradecimentos, eu prefira dizer-vos, com simplicidade, o verdadeiro motivo desta minha visita a esta cidade e a este Estado.

Não venho aqui pregar o patriotismo e o civismo, que já aprendestes em dois séculos de valor. A vossa história, rio-grandenses, é um continuo tecido de heroísmo, viva trama de provações e de exaltações. Desde a fundação do primeiro forte e primeira povoação na foz do Rio Grande, no meado do século XVIII, até hoje, a vossa alma tem sido nutrida de lutas, estimulada por contrariedades, orgulhecida por vitórias, sempre agitada e trabalhada. Seria ridículo que a minha presença e a minha palavra pretendessem criar aqui o entusiasmo e a confiança.

O que me impeliu a viver alguns dias convosco foi a certeza da grande repercussão de tudo quanto se diz e de tudo quanto se faz nesta extrema região do Brasil. O que aqui praticais é olhado, escutado e admirado em todo o resto do país. Algumas das vossas virtudes são tradicionais e modelares: fartura e disciplina do povo, coragem e ordem na organização social, firmeza e modéstia na administração; e a consciência pública, que aqui se enraizou, não permitiu que longas convulsões partidárias destruíssem, nem ao menos perturbassem fundamente a vossa harmonia política e econômica. Vindo a vós, venho pedir que do seio do vosso povo nasçam e cresçam legiões de apóstolos. Saiam professores e conselheiros, da multidão de fortes e de conscientes que já sois!

Conheceis como eu, e, melhor do que eu, podeis medir e pesar o valor e a dificuldade da obra que empreendemos os fundadores da Liga da Defesa Nacional.

Falei há pouco, com ardente admiração, da construção do porto do Rio Grande. Bancos movediços peregrinavam pelo fundo das" águas, numa pérvida agitação, aqui e ali se meando tropeços e ciladas, embustes e sorvedouros, enleando e tragando os navios desgovernados. O trabalho humano afastou esse constante perigo. Duas léguas de muralhas de pedra, defrontando-se, impedindo a invasão das areias erradias, adarvando de polícia e de segurança a estrada líquida que comunicava o vosso domínio com o resto do mundo, opuseram-se às arremetidas do pertinaz inimigo, invisível e implacável. E vidas e posses, almas e mercadorias, transporte de ouro e de pensamento, trafico de interesses e de afetos, prosperidade e paz, nutrição e liberdade, riqueza e conforto, comércio e indústria, lavouras e famílias, sociedade e governo — tudo isso foi libertado, defendido e sustentado pelo gênio e pela perseverança do homem...

Esta conquista já feita pode ser trazida como símile e incentivo para a estupenda empresa moral, que queremos levar a cabo. Há na alma do povo

Brasileiro, como em certos trechos do oceano misterioso, bancos traidores, baixios insidiosos, areias fugitivas e assassinas, ^ correntezas desencontradas e esmagadoras; são esta falta de unidade de pátria, esta ausência do sentimento da comunhão, esta escassez da nossa instrução, esta penúria do nosso armamento bélico e moral, esta miséria da nossa coesão e da nossa disciplina, e outras tantas multiformes ameaças que nos cercam e espiam. De onde vêm, para onde vão estes vagos escolhos errantes, estes indefinidos cursos de águas e de ventos? e onde, e como, e quando baterá contra estes riscos, desviando-se contra eles, perdendo-se contra eles, desgraçando-se contra eles, o roteiro da nossa vida de nação? Não o sabemos. Sabemos apenas que, em torno de nós e dentro de nós, há choques possíveis e naufrágios em perspectiva. A nossa impotência, o nosso descuido, a nossa indiferença seriam um crime de lesa natureza, um suicídio ignóbil e infamante...

Que fazer, contra a possibilidade do desastre e da ruína? — armar o Brasil, e defendê-lo: e, no campo moral, em maravilhosas proporções de vontade, em prodigiosas progressões de intensidade de coragem e de paciência, reproduzir, em favor, da pátria, este mesmo trabalho que, no campo físico, foi lançado e acabado na foz do vosso grande rio: a construção de uma imensa e gloriosa muralha circular, guardando o sagrado páramo, em que circula a nossa história, — o passado com as nossas tradições, o presente com as nossas incertezas, o futuro com as nossas esperanças: muralha inexpugnável, plantada no patriotismo, argamassada de instrução, cimentada de disciplina, inabalavelmente firmada na glória de crer e na honra de querer!

Tal é, senhores, o programa da Liga da Defesa Nacional; tal é o nosso sonho e a nossa ambição. Entre vós, governadores da nobre cidade de Porto Alegre, e diante do povo da capital deste glorioso Estado, para a alma criadora e generosa do Rio Grande do Sul levanto o meu coração, como uma hóstia, ardendo em amor e sangrando em esperança.

Rio-grandenses, mais do que nunca, o Brasil precisa hoje de vós, e confia em vós. Já sendo crentes, sede apóstolos! Já sendo soldados, sede instrutores! heróis, filhos e netos de heróis, criai novas legiões de heróis! e continuai, aumentai, multiplicai infinitamente o vosso heroísmo, em favor da unidade, da força, da defesa, da paz e da glória do Brasil!

AO POVO RIO-GRANDENSE

*Em Porto Alegre.
2 de Outubro de 1916.*

A vossa calorosa simpatia é para mim uma animação.

O aplauso de uma turba indisciplinada só pode agradar à ambição e à vaidade de demagogos sem escrúpulos; mas o estímulo consciente, o apoio raciocinante, quando partem de um povo forte e educado, inimigo da anarquia, são uma recompensa consoladora para os homens sinceros e leais, guiados na vida por um ideal superior, governados pelo desinteresse.

Conheço-vos, e quero que me conheçais. O povo rio-grandense é fanático da liberdade, mas hostil à desordem, à descrença, aos desmandos dos niilistas, que, com o nome de liberdade, encapotam a licença, e, com o pretexto da reconstituição radical da sociedade, mascaram o amor da destruição. Já muitas vezes, no decurso de dois séculos de existência social, afirmastes a vossa independência; e muitas vezes, para defendê-la derramastes o vosso sangue, arriscando os vossos lares, a vossa propriedade e a vossa vida. Mas sem pre, nessas crises de febre, o sentimento, que alimentava a vossa coragem e a vossa cólera, foi o da conservação do nome e da dignidade do país e o da salvaguarda dos vossos credos políticos, e nunca o da anulação da idéia da pátria, o do aniquilamento da harmonia social sacrificada ao império das cúbricas ou dos despeites individuais. Conhecendo-vos, acolho com o mais vivo desvanecimento esta prova de afeto.

E sabeí que sou digno da vossa estima. Nesta campanha em favor da unidade e da honra do Brasil, dou tudo e nada peço. Nenhum interesse próprio inflama o meu trabalho. Não espero, nem inquiri, e nunca aceitarei paga nem favores; nem cargos, nem posições, nem lucros, nem conquistas de mando de popularidade, de dinheiro ou de honrarias. O que ambiciono é que todos os filhos da nossa grande terra sejam homens dignos da humanidade e Brasileiros dignos do Brasil; e que em todos eles viva, palpita, fulgure esta chama de fé e de esperança patriótica, que guardarei inalteravelmente no meu coração, até o último dia da minha vida.

Agradecendo a vossa bondade, quero ainda afirmar que não sou militarista, nem inimigo da paz. Não quero que o Brasil se fortaleça para orgulhos e crueldades de guerra. Quero que ele seja disciplinado e forte, não para atacar, mas para aparelhar-se em constante defesa, e para que a disciplina e a força dêem a todos os seus filhos músculos e alma, vigor e pensamento, saúde e consciência, energia e bondade, alegria e ventura, paz e patriotismo.

Ontem, falando ao nobre Conselho Municipal desta cidade, disse que deste povo glorioso sairão apóstolos para esta cruzada de civismo. Quero agora, em contacto direto convosco, repetir e acentuar a expressão deste intuito.

Saia hoje daqui, da multidão que me ouve, um pioneiro, um propagandista: e, amanhã, propagandistas e pioneiros serão cem, e, depois de amanhã, serão cem mil. Há na história do Rio Grande do Sul um episódio, que mostra como o heroísmo de poucos heróis é capaz de se multiplicar em gêneses de no vos heróis: é a conquista dos Sete Povos das Missões. É um documento de incomparável beleza a “Memória” que escreveu, sobre esta guerra, o chefe da expedição, o capitão de milícias Gabriel Ribeiro de Almeida, — curto e radiante poema de singeleza tocante e de espartana serenidade, que começa por estas simples palavras: — “José Borges do Canto e eu, com quarenta homens, fizemos a conquista dos Sete Povos das Missões, do modo que vou referir....” Eram, de fato, quarenta os companheiros de Gabriel Ribeiro e Borges do Canto, quando tomaram a guarda de São Pedro; dias depois, apresaram Santo Ignácio e São João Mirim, e, com a adesão dos Índios libertados, já eram trezentos e quarenta; afrontaram, depois, São Miguel, e, antes da investida, já eram mil; e, quando assaltaram e ganharam São Lourenço, São Luiz de Gonzaga e Santo Ângelo, já eram um exército...

Se é assim possível este prodígio do apostolado para as conquistas da força e da guerra, como poderemos duvidar da sua possibilidade para as conquistas do bem e da justiça?

Porque esta cruzada, senhores, é de bem e de justiça. Não pretendemos arrastar o povo Brasileiro a violências de ataques e de usurpação. Queremos levá-lo, pela persuasão e pelo exemplo, ao sentimento nobre e justo da defesa própria, e, depois, ao amor, à fraternidade, à felicidade da comunhão; queremos dar aos quase 30 milhões de homens que povoam a nossa terra esta suprema posse e esta incomparável ventura: a posse da consciência nacional, e a ventura da conservação da unidade que nos foi legada pelo sacrifício dos antepassados.

Para esta sublime expedição de paz e de glória, assistiremos ao divino milagre da multiplicação dos heróis. Do vosso seio romperão exércitos de bondade.

A minha alma de Brasileiro confia no povo do Rio Grande do Sul!

O NEGRINHO DO PASTOREIO

*Na Academia de Letras do Rio Grande do Sul.
Porto Alegre. 4 de Outubro de 1916.*

Renan, com o seu fino estilo e a sua piedosa ironia, disse que, se há Paraíso, ou Campos Elíseos, ou Tártaro, ou que nome caiba à mansão dos espíritos desencarnados, — estes espíritos devem, na sua nova e definitiva morada, reunir-se em grupos harmônicos, de acordo com as suas tendências e as suas afinidades morais: de modo que haverá cenáculos no céu, como na terra, onde geômetras confabulem com geômetras, poetas versejem com poetas, e gramáticos contendam com gramáticos... Este gracioso dito é apenas uma figura literária, explicando e justificando bem a teimosia das nossas inclinações. Aqui, sobre a crosta do nosso planeta, conservamos até à extrema velhice os nossos hábitos, efeitos da ginástica da nossa alma: e é provável que em outras vidas guardaremos as mesmas vocações, que temos nesta vida. Assim, hoje recebido por vós, nesta Academia, que tratarei convosco, senão literatura? Literatura trataremos, mas não literatura ociosa e vã.

Literatura não é apenas filologia e poesia, retórica e estética: é todo o pensamento e toda a palavra, todas as paixões e todas as idéias, todas as formas, todas as cores e todas as harmonias da vida: “é a consciência da humanidade”, como a definiu Sainte-Beuve. E, como a humanidade é a ampliação da Pátria, é força que cada literatura nacional seja a consciência da nação. Cada Academia de Letras é um Campo Elísio na terra; aqui, nestes remansos da vida comum, os nossos espíritos até certo ponto se desencarnam das contingências materiais; aqui pensamos e sonhamos, e aqui nos confinamos na existência mental... Mas, sendo homens, como abandonaremos as paixões, os amores, as tristezas, as incertezas, que todos os outros homens, sentem lá fora? Ainda reclusos na meditação e no estudo, somos sempre da Terra, e da nossa terra.

A literatura, que aqui praticais, é a boa literatura. Todos os vossos livros, que já li, trazem a luz e o aroma do vosso ar e dos vossos campos. A vossa história e os vossos costumes, a alma da vossa terra e da vossa gente, poesia da natureza, e poesia do povo, vivem nas páginas, que tendes imaginado e publicado. É o melhor louvor que vos posso dar. Exalto e abençôo o vosso nacionalismo literário. Não vos contaminou o vício da arte dissolvente, em que pontificam distribuidores de palavras ocas, professando que o talento pode reinar sem o patriotismo, como sem a moral. Homens de letras, sois os mesmos homens simples, amigos da vossa gente, e cidadãos na vida corriqueira e na vida da arte, cidadãos entre os vossos filhos e entre os vossos livros, nos lares que fundastes

com o vosso afeto, e nas obras de ficção, que aparelhastes com a vossa inteligência.

Se, agradecendo as boas palavras de animação que me dirigistes, venho entreter-vos de assunto que não é de pura técnica literária, é porque sei que a vossa literatura é flor e fruto do vosso patriotismo. E sei também que o vosso povo vos escuta com carinho e vos lê com confiança... Dizei-lhe, senhores, que ele deve, como vós, persistir no seu culto regionalista, amando o seu torrão, e cada vez mais se integrando no culto nacionalista, na adoração da unidade da pátria. E dizei-lhe que, para os povos dignos, como para os indivíduos nobres, a mais bela das virtudes é a do desinteresse.

Há no vosso “folk-lore” uma lenda admirável, distintivamente vossa, talvez a mais legítima de quantas alimentam a poesia popular desta região. É a do “Negrinho do pastoreio”.

Não sei dizê-la, com a cor e a vida local que lhe deu, o vosso ilustre e malogrado confrade Simões Lopes Neto... Procuo reproduzi-la, de cor, em breves palavras. Escravo humilde, o pobre pequeno era propriedade de um estancieiro rico e avaro. Este, e um filho dele, tão malvado como o pai, maltratavam o servo, comendo-o de trabalhos, mirrando-o de fome, desesperando-o e martirizando-o. Encarregado de pastorear, por trinta dias, trinta tordilhos negros, o Negrinho adormecera. Ladrões tresmalharam a cavallhada: o pequeno pastor perdeu o pastoreio, e, espancado e pisado, foi mandado a “campear o perdido”. Valeu-lhe a Virgem, sua madrinha, e restituiu-lhe o rebanho. Mas o filho do fazendeiro, perverso, enxotou os cavalos de novo, e o mísero perdeu de novo o guardado. Exacerbado pela cólera, o senhor amarrou o desgraçado, retalhou-o a relho, e atirou-o, morto, posta de carne em sangue, ao fundo de um formigueiro.

Passaram-se três dias e três noites. Na manhã do quarto dia, o algoz foi visitar a cova, em que jazia o Negrinho: e viu-o vivo, de pé, nimbado de sobre-humana luz, lindo e sereno, no meio da tropa dos tordilhos negros; e, sobre ele, pairava no céu a Virgem, que o abençoava... Diz o povo que o “Negrinho do pastoreio” ainda hoje vive por aí, em campos e restingas, em banhados e rios. É um gênio generoso, um anjo bom, perpetuando-se em bondade e generosidade. É ele quem acha e descobre os animais extraviados, os objetos perdidos, as posses roubadas. Assim; o infeliz pastorzinho, paga depois da morte, em benefícios, os sofrimentos que recebeu durante a vida...

Acredito, senhores, que há em todas as lendas e fábulas do povo um fundo de verdade: porque em cada lenda vive um símbolo, e em cada fábula palpita uma lição. O povo tem uma poesia e uma filosofia, um raciocínio e um gênio inventivo, um bom senso e um senso prenunciador, que nascem, viçam e

frutificam sem cultivo. O povo tem a mesma fecundidade e a mesma espontaneidade da terra. Nesta lenda, não vejo apenas um recreio da imaginação popular. Esta magnífica e piedosa criatura de ficção, que é o martírio generoso em- força bondosa e tormento acendrado, desabrochando em abnegação, — é talvez um símbolo do passado e do futuro do Rio Grande do Sul.

A mais bela das virtudes é a do desinteresse. O Rio Grande do Sul, de todos os trechos da terra Brasileira, é talvez o que mais tem sofrido em lutas pela liberdade e pela dignidade da nação em guerras, em favor da formação da nossa soberania. Já ele nos salvou, a todos nós, em dias tristes. E não sabemos se outros dias tristes surgirão para nós... Não vejo, contra o Brasil, perigos imediatos, que possam a breve prazo perturbar a nossa paz. Todos amamos a paz, que é a proteção do trabalho, a condição essencial da felicidade, a honra da civilização, e a nobilitação da espécie. E acredito que ardentemente, como nós, amem a paz os nossos vizinhos, que, felizes e ricos de território e de trabalho, de searas e de celeiros, de população e de glória, não poeem nutrir o monstruoso desejo da guerra. Fraternalmente os estimamos e confiamos na retribuição desta amizade. Mas tudo é possível, na perpetua contradição da vida dos indivíduos e das nações; e outros riscos podem aparecer para nós, vindos de mais longe, ou ainda nascidos de nós mesmos, das nossas desinteligências, ou dos erros dos que nos governam. Quem sabe? Já vos devemos bastante; e, um dia, se perdermos ou estivermos arriscados a perder um pouco da nossa liberdade ou da nossa honra, — talvez será o Rio Grande do Sul quem readquira o perdido, como aquele gênio benfazejo dos vossos campos...

A vossa literatura é uma força. Já a aproveitastes para a coesão e a consciência dos rio-grandenses: coligindo e catalogando as lendas do povo, os contos singelos e as ingênuas trovas dos vossos campinos, e, depois, com o vosso talento e a vossa cultura, estabelecendo em romances e poemas os vários aspectos do trabalho, das lutas, do amor, do entusiasmo de toda a vida da população, — de certo modo criastes a existência moral da sociedade em que viveis, porque a fixastes em beleza artística. Deveis agora aproveitar esta força para uma multiplicação de coesão e consciência, — para o trabalho da unidade da pátria. Professai e pregai, em todas as páginas que escreverdes, este princípio: a riqueza, o progresso, a ventura de cada um dos fatores da federação não devem ser unicamente inventa dos e aumentados para o engrandecimento próprio, mas para o engrandecimento do Brasil. Senhores, guardarei no meu coração a memória do afago com que me recebeis. Já vos amei, de longe; ainda mais vos amo, encontrando no vosso olhar, na vossa voz, no vosso trato íntimo, o mesmo calor de ideal e a mesma franca bondade que achei nos vossos livros; e ainda mais vos amarei, se louvardes e estimardes em mim, não o poeta, que talvez eu seja, mas o homem simples e sincero, que quero ser, um bom

Brasileiro, um bom amigo da vossa pequena terra formosa e da nossa imensa e querida terra.

AOS ESTUDANTES DO RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre. 2 de Outubro de 1916.

Decidindo esta minha visita ao Rio Grande do Sul, deliberei logo que algumas palavras minhas vos seriam dirigidas. Já aos moços estudantes de São Paulo e de Minas abri o meu coração cheio de sustos e esperanças; e, como a eles e a vós, ainda pretendo falar aos vossos irmãos de outras capitães do sul, e do norte do Brasil, se lograr vida e saúde para esta peregrinação que me rejuvenesce e consola.

O presente, às vezes, entristece-me: já não posso esperar prodígios de coragem e desinteresse da maior parte da gente da minha geração, amadurecida e envelhecida no olvido do civismo. Na vossa terra, não há motivo para que a minha alma se desanime: aqui a facilidade das comunicações, a abundância do trabalho, a intensidade do povoamento favoreceram a riqueza natural e a organização econômica; a vizinhança próxima de outra iração e de outro idioma, e o espetáculo constante de uma mistura de outras raças e de outros idiomas no seio do vosso domínio estimularam o, vosso nativismo e robusteceram o vosso orgulho; isto explica o vosso adiantamento, e a igualdade da vossa condição social, de modo tal, que não é possível afirmar aqui a existência de um verdadeiro sertão, no senti do pejorativo, de uma zona bruta tocando e contrastando com a zona civilizada. Mas o Brasil é grande. E nesta grandeza, que me amedronta, nem sempre se encontram a felicidade e a consciência, que aqui se evidenciam. Em muitos pontos, a escassez do trabalho, a pobreza e o desamparo do povo, e a indiferença ou a maldade dos mandões deixaram imensos tratos cobertos de matas incultas e de populações apáticas. Dos responsáveis desta miséria já não é possível que venham redenção e remédio... Porém tudo é possível exigir do verdor e do calor das almas que desabrocham à vida. Por isso, é aos moços principalmente, que prego. Neles confio, neles renasço, neles me alegro, — depositários do futuro, predestinados para dias de maior alegria.

Alimentei durante muitos anos no meu coração o desejo de ver o Rio Grande do Sul. Desde menino, quando comecei a amar o Brasil pelo estudo da nossa geografia e da nossa história, comecei a admirar especial mente este trecho da nossa terra, este confim da nossa nacionalidade e da nossa língua, — campo limítrofe, em que se bateram e definiram duas metrópoles, duas colônias, e, depois, três povos e três pátrias. Entusiasmou-me a leitura dos vossos anais, em que sopra um largo vento de liberdade e arde uma continua chama de heroísmo. Mais tarde, depois de conhecer o vosso passado, conheci o vosso presente; e, tratando e amando, durante a minha mocidade e a minha idade

madura, muitos filhos do Rio Grande do Sul, senti o meu amor alargado e enraizado por vós.

Conheço-vos bem. Sois bravos; e a bravura é a nobreza das almas fortes; sois generosos, e a generosidade é inseparável da verdadeira bravura; sois ousados, e a ousadia. Impulso da iniciativa, é uma clara virtude da força e da inteligência. Se sois, às vezes, rudes, — a vossa rudeza, sendo um excesso da franqueza, é apenas o recato com que disfarçais a bondade; e se, às vezes, sois um tanto quixotescos, — não vos envergonheis deste defeito, se é que é defeito este exaltado ímpeto, com que, logo à primeira assomada do brio, arrancais à mão-tenente contra a injustiça real ou aparente que vos irrita: por que, no fundo de todo o homem leal existe um Quixote; e o quixotismo sincero sempre é mais nobre do que um pancismo interesseiro e medroso...

Conheço-vos bem. Saudando-vos, moços, que tão liberalmente me recebeis e acolheis, saúdo todo o Rio Grande do Sul, todas as vossas cidades da campanha e da serra, rumorejantes de escolas e de fábricas, e todos os vossos campos cobertos de lavouras e de rebanhos, e toda a vossa gente leal e simples, amorosa e sonhadora, hospitaleira e dadivosa, em que re vivem a independência e a bondade dos primeiros pastores e arvicultores da alvorada da civilização humana.

Sei que amais ardentemente este solo que pisais, este ar que respirais, e as tradições; de nobreza de alma que os vossos maiores vos legaram. O que peço e ambiciono é que este vosso amor constantemente se alargue e difunda, abrangendo, além das raias do vosso do mínio de unidade da federação, toda a imensa pátria, que precisa da vossa força material e moral. O Rio Grande do Sul é rico e feliz. Mas nem todo o Brasil é opulento e venturoso... Nos lares, em que as prendas naturais ou adquiridas se não distribuem igualmente pelos irmãos, a unidade da família exige que os mais dotados se sacrifiquem pelos me nos favorecidos. A nossa federação é uma família ainda mal organizada. E devemos organizá-la pelo afeto: o amor tem uma força específica e soberana, que vale mais do que a autoridade das leis da razão.

Amanhã sereis chamados à educação e à administração do vosso Estado. Lembrai-vos sempre este princípio velho como a civilização, que já professava Aristóteles, há vinte e dois séculos: “Toda a sociedade humana é uma associação de famílias, cujo único fim é conseguir uma coesão capaz de inventar a felicidade comum.” Não sois somente rio-grandenses: sois Brasileiros. A terra em que viveis não pode sugerir-vos um estreito provincianismo, um amor nativo de curta envergadura. A vossa paisagem liberta a vossa inteligência do cativo do egoísmo. O raio moral, aqui, é graduado pelo raio visual. Entre as ramificações da vossa serra marítima, alargam-se léguas e léguas de várzeas sem fim, estendidas em planícies calmas, ou na suave ondulação das coxilhas:

neste descampado, nasce a liberdade e viça o desprendimento. Não tendes diante de vós, nem dentro de vós, a idéia de um torrão mesquinho, âmbito parco de posse e de carinho onde o vosso coração se possa contentar com a única ventura da riqueza avara e da solidariedade medida: a família e o gado, os pagos e as lavouras, a mediania no pão e na dedicação. A força das asas está na razão direta do desdobramento do horizonte. Sentis bem que, para além das divisas do Rio Grande do Sul, está o Brasil. Sentis que a vossa terra não acaba ali nas águas do Pelotas e do Uruguai, da barra de Mampituba ao Pepiri-Guassu. Amplia-se o vosso regionalismo e desdobra-se em nacionalismo; expande-se em patriotismo o vosso nobre orgulho doméstico. Sentis que, como filhos de uma espalhada família, deveis amar e defender a nutrição, a ventura e a dignidade de irmãos, que nunca vistes, mas que vivem no vosso coração: e pela consciência da vossa força, e pela responsabilidade do vosso nome, sentis que, estando o Rio Grande do Sul dentro do Brasil, todo o Brasil está dentro do Rio Grande do Sul.

Sede Brasileiros sempre! E, sendo instruídos, sede fortes; sede soldados do Brasil!

Procurando deturpar o que, há um ano, disse aos moços de São Paulo, alguém inventou que indiquei o quartel como o único laboratório da regeneração do caráter... Nunca disse isto, porque, felizmente, não sou um espírito desvairado. Espírito desvairado é o que maquinou esta necedade... Quero e sempre quis a instrução e a defesa do país pelos livros e pelas armas. Quero a escola dentro do quartel, e o quartel dentro da escola. A segurança das pátrias depende da inteligência e da força: o estudo defendendo a civilização, e a disciplina defendendo o estudo.

Há sempre um perigo nacional. As nações, como os homens, por mais robustas que sejam, estão sujeitas a doenças iminentes e traiçoeiras. A vida é uma estrada desconhecida, em que o viajante, a cada passo, adivinha uma surpresa e uma emboscada: em cada cotovelo da trilha, aparece o monstro, que Edipo entestou no caminho de Tebas. A mais forte das nações da América, a grande República dos Estados Unidos do Norte, forrada de milhões e de fortalezas, abastecida de plantações, de fábricas, de escolas e de arsenais, acaba de sentir no ar este perigo vago, este pressentimento inconsistente, — rebate salutar, alarma benéfico: e aumentou a sua defesa, e adarvou de novas forças de terra e de mar a sua nacionalidade. Se têm esta cautela as nações em plena saúde, como não hão de tê-la as nações enfermas, como a nossa, enfraquecida pela ignorância pública, pelo desprestígio dos governos, pela míngua de estadistas superiores, — extensíssima e desarmada, desaconselhada e indisciplinada, arriscando-se à pobreza e à anarquia?

Disse Michelet um dia: “A França é um soldado!” De todas as nações deve dizer-se o mesmo. Cada nação deve ser um soldado sempre armado, sempre alerta, sempre vigilante: não um soldado de conquista, nem de terror, como uma ameaça constante contra o sossego dos vizinhos e dos hóspedes, mas um soldado de defesa, como uma constante segurança para o sossego dos donos e dos amigos da casa.

Pelas vossas tradições, meus amigos, já podeis dizer que: “O Rio Grande é um soldado!” Esperemos que em breve, seguindo toda a nossa pátria o vosso exemplo, possamos com razão dizer: “O Brasil é um soldado!”

O EXÉRCITO E A POLÍTICA

*À guarnição e aos estabelecimentos militares de Porto Alegre.
12 de Outubro de 1916.*

É infinitamente grata ao meu sentimento esta brilhante festa, oferecida pela oficialidade da guarnição e dos estabelecimentos militares de Porto Alegre. Penhoram-me estas manifestações da amizade e da animação de tantos oficiais carregados de serviços ao país; e exalto-me em esperança e ardor, vendo e compreendendo o entusiasmo dos jovens alunos do Colégio Militar, futuros defensores e protetores do Brasil.

Permiti que um amigo, humilde mas leal, do exército Brasileiro aproveite esta ocasião, para acentuar a grandeza dos sacrifícios que a nação ainda exige do vosso patriotismo.

Estamos vivendo momentos de intensa gravidade da nossa história. Devemos falar-nos com firmeza, já que somos amigos.

Uma grande mágoa enchia o meu coração: a angustiosa sensação de um divórcio monstruoso, feito de equívocos e de desconfianças, começando a separar o nosso exército do nosso povo. Divórcio monstruoso e incompreensível! Como poderia viver o país, com este cancro devorando o seu seio, — os soldados não amando aqueles que os sustentam e devem glorificá-los, e o povo não amando aqueles que devem defendê-lo e honrá-lo?

É inútil lembrar os motivos, de que se originou esta situação deplorável; não recordemos, na doce tranquilidade da convalescença, a tristeza da doença que nos abateu. E é dispensável, também, que mostremos e demonstremos os admiráveis sintomas, a inegável certeza da existência desta convalescença, que já é cura. O exército já se reintegrou no povo, como a própria força da alma nacional. E não esqueçamos que esta obra de harmonia, felizmente agora realizada, foi devida em sua maior parte ao gênio do barão do Rio Branco, cuja memória deveis guardar e venerar, — porque ele sempre foi um grande amigo vosso, e um grande defensor das vossas tradições.

Acredito que já está hoje definitivamente traçada a linha de um claro e liso roteiro para o nosso destino. Pelo sorteio militar, ou pelo processo que mais seguro e sólido ainda se possa criar, — teremos o exército que de vós possuir: não uma casta militar, nem uma profissão militar, nem uma milícia assoldada, nem um regime militarista oprimindo o país: mas um exército nacional, democrático, livre, civil, de defesa e de coesão, que seja o próprio povo, e a própria essência da nacionalidade afirmada em soberania popular e

em consciência cívica. Como já disse, desejamos que “o que se chama “uniforme” seja realmente uniforme: a farda para todos; para todos, o dever, a honra, e o sacrifício”.

Realizado este desejo, então, todo o trabalho maquinado gravitará sobre este ponto de ação e direção: o oficial.

O oficial é todo o exército: é a alma, — toda a sensibilidade, toda a inteligência, toda a vontade da corporação dos soldados. César disse que “todo o homem tem no íntimo um princípio de calor e de ímpeto, que desperta e se acentua pelo movimento; mas só o oficial pode utilizar e aproveitar este natural impulso”. Dezoito séculos depois de César, Napoleão atribuía ao influxo da força moral três quartos da eficiência militar, da qual apenas um quarto depende do fator físico.

César e Napoleão falavam apenas do “sucesso” da guerra. Agora, o nosso exército será, não uma escola de violência ofensiva, mas uma escola de consciência defensiva, de paz ativa, e de civismo. E, aqui, ainda são mais necessárias, e ainda mais rigorosas de vem ser as virtudes do oficial. No quartel, o oficial deve ser como o professor na escola primária: um sacerdote, um diretor de inteligências e de caracteres.

Para que a sua ação moral seja eficaz, é indispensável que ele seja um fanático da sua profissão, exclusivamente dedicado ao seu mister, abnegadamente consagrado ao destino do seu sacerdócio.

Das diversões ou distrações, que fácil mente se oferecem à alma do oficial, a mais perigosa e a do exercício da política.

Há política e política. Há uma, que pode e deve ser aberta à atividade de todos: é aquela que paira acima dos interesses privados e partidários, acima da cobiça do mando e da vaidade, exercitando-se nobremente num plano superior, onde imperam a necessidade nacional e o interesse coletivo; nesta já fostes admiráveis políticos, quando fostes políticos nas lutas da Independência, na unificação da pátria, na guarda do território e da nacionalidade, na abolição do cativeiro, na proclamação e na defesa da República.

Mas há uma outra, que não é propriamente política, e deve ser vedada ao vosso mandato. Como pode um militar, um verdadeiro conhecedor e um bom amigo da sua missão, trocar a sua independência pela dependência das transações da politicagem; trocar a linha reta e indivisa que a investidura militar traça ao soldado, pela triste linha tortuosa que as ambições impõem às camarilhas sem programa e aos corrilhos sem bandeiras; e trocar a sua moral íntegra e firme, fundada no dever, na disciplina, na justiça, por essas duas morais paralelas da

vida demagógica, — uma moral no lar e na vida íntima e outra moral na vida pública, uma condenando todas as traições na existência doméstica, e outra tolerando, aconselhando e praticando todas as mistificações e todas as deslealdades na existência partidária?

Felizmente, senhores, já visitei muitos quartéis, e já ouvi dezenas e dezenas de oficiais, em vários pontos do país; e sei que a imensa maioria da oficialidade, desenganada das aventuras amargas do partidarismo, quer, animada de uma vontade inabalável, dirigir e educar, com a consciência do seu papel de diretora e educadora, o novo exército de cidadãos que queremos e esperamos possuir. Neste papel, sereis sempre grandes e belos. E, enquanto eu vos encontrar firmes e heróicos nesta abnegada missão, — até ao meu último dia de vida dedicarei a minha humilde sinceridade ao propósito da glorificação dos vossos serviços.

Conservarei na minha memória um grande carinho por esta hora de intensa alegria cívica. Daqui sairei com a mais viva gratidão pela estima que me demonstrais e pela confiança que os vossos intuitos me inspiram.

Confiança, que me consola e me dá forças: vendo-vos e ouvindo-vos, já vejo uma Pátria nova e admirável, que renasce, e já ouço o hino vitorioso, que há de aclamar, num prêmio e num agradecimento, a crença e a tenacidade de todos os que pelejam e pelejarem esta nobre campanha de patriotismo.

Às armas e aos corações dos nossos heróis devemos até hoje a unidade da pátria: e do definitivo consórcio do povo e do exército, inflamados do mesmo sentimento, identificados no ideal da “nação-armada”, espera o Brasil radiantes eras de paz e de grandeza.

A LÍNGUA PORTUGUESA

No Centro de Letras, em Curitiba, Paraná.

17 de novembro de 1916.

Meus companheiros. Sinto-me bem entre vós, no seio da minha família de arte, como um filho da casa, que sempre esteve presente e assíduo no lar, embora corporal-mente separado dos penates por léguas e léguas de terras e mares.

Não há aqui, entre nós, escritores do Paraná, ou do Rio de Janeiro, ou de qual quer província literária do Brasil. E não há aqui poetas que valham mais ou menos do que outros. Há aqui escritores e poetas do Brasil, artistas da mesma arte Brasileira e nosso patrimônio comum. Somos reflexos recíprocos, porque pensamos e vibramos no mesmo ideal, uns vivendo dos outros, e todos brotando do ambiente em que nos movemos; somos todos a mesma luz, o mesmo hálito, a mesma voz do meio em que nascemos e morremos, brilhando da luz do nosso firmamento, respirando o doce ar que as nossas florestas expiram, cantando e gemendo das músicas secretas, que residem em nossas montanhas, em nossos vales e em nossos rios.

Nesta deliciosa reunião, não falemos propriamente de nós, apenas como homens e como artistas. Falemos da língua admirável, que, com o torrão natal, recebemos dos nossos maiores: dela falando, falaremos de nós todos, como Brasileiros, e do futuro e da segurança do Brasil.

Aproveitando esta feliz ocasião, peço especialmente o vosso amor e o vosso cuidado para um dos fins da nossa Liga da Defesa Nacional: “promover o ensino da língua pátria nas escolas estrangeiras, e a criação de escolas primárias nossas, nos núcleos coloniais.”

Esta propaganda é indispensável aqui, no sul do país, no Paraná, em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

A nós, homens de letras, impõe-se o dever da direção deste movimento.

O povo, depositário, conservador e reformador da língua nacional, é o verdadeiro exército da sua defesa; mas a organização das forças protetoras depende de nós: artífices da palavra, devemos ser os primeiros defensores, a guarnição das fronteiras da nossa literatura, que é toda a nossa civilização.

É indispensável que, constantemente, seja defendido e protegido o nosso idioma. Já disse, um dia, e todos o compreendem e professam: o máximo

problema da formação da nossa nacionalidade é a assimilação dos elementos ádvenas, que estão fecundando e enriquecendo a nossa terra.

É preciso fundir num corpo homogêneo todos esses átomos estrangeiros com os átomos indígenas. Não queremos e não podemos operar um milagre impossível, transformando em Brasileiros todos os imigrantes, todos os forasteiros, que vêm trabalhar conosco: porque o seu patriotismo, tão sagrado como o nosso, deve ser intangível. Mas devemos querer que os filhos desses estranhos sejam nossos! Abri mos o Brasil a todo o mundo: mas queremos, que o Brasil seja Brasil! queremos conservar a nossa raça, o nosso nome, a nossa história, e, principalmente, a nossa língua, que é toda a nossa vida, o nosso sangue, a nossa alma, a nossa religião!

Em grande parte, o vocabulário nacional é filho, não do homem, mas da terra.

Da língua portuguesa, que falamos e escrevemos no Brasil, há milhares e milhares de vocábulos que não têm entendimento nem significação em Portugal: nomes de plantas, de animais, de visões e aparências da terra, do céu, do mar, de utensílios de guerra, de caça, de pesca, de lavoura, de navegação, de indústria. Dessas palavras, legitimamente Brasileiras, muitas são legados dos dialetos indígenas ou africanos: outras, porém, sem ascendência real, sem raízes nos idiomas nativos ou importados, são verdadeiras invenções do povo e diretas inspirações do torrão nacional, originadas da contemplação dos acidentes físicos do território, da luz e da cor do firmamento, da agitação dos rios e do oceano, do barulho do vento e das folhagens, do canto das aves, de todas as formas e de todas as vozes do meio em que vivemos. Esse fenômeno, verificado e estudado por todos os filólogos, aparece na formação de todos os idiomas.

Assim, a língua faz parte da terra, e, em grande porção, é nascida da própria terra. Se queremos defender a nacionalidade, defendendo o solo, é urgente que defendamos também, e antes de tudo, a língua, que já se integrou no solo, e já é base da nacionalidade.

Meus companheiros, o Brasil precisa do trabalho e da dedicação de todos os seus filhos. Nós, homens de pensamento e de palavra, de inteligência criadora, e de cultura educadora, devemos ser os primeiros defensores do nome nacional, os bandeirantes da nossa honra e os escoteiros do nosso ressurgimento.

Há dias, na linda festa cívica do Tiro Rio Branco, um dos vossos, o meu velho e que rido irmão Emilio Pernetá, disse estas belas palavras: “Apesar das iniquidades, de todas as misérias e decepções, creio que o progresso humano, como a vida, não tem princípio nem fim; o homem tem o direito de acreditar em tudo que idealiza e em tudo que sente; todos os sonhos são realizados”.

Sim! as grandes nações são filhas da crença e da vontade de seus pensadores. Nesta campanha nacionalista, venceremos, porque queremos vencer!

O Brasil será magnífico e imorredouro! Na vida de todos os povos, como na vida de todos os homens, há sempre sincopes e quedas. Mas nem sempre há prenúncios de morte nesses desfalecimentos. Muitas vezes, a descaída é concentração e provisão de forças novas.

Dentro do vosso território maravilhoso existe um dos prodígios da natureza: o Salto das Sete Quedas. Em sete rebojos de espuma raivosa, em sete colapsos de desânimo, em sete precipitações de desesperação, a água do Paraná desaba e rui, acordando com o seu formidável rugido de agonia os ecos de sete léguas do arredor... Mas essa agonia é ressurgimento! A toalha desabada do rio alarga-se, numa soberania conquistadora, banhando e fertilizando todas as florestas que marginam a colossal vertente platina. As sete quedas do Paraná são sete milagres de energia e de generosidade...

Assim, também, cada queda da nossa nacionalidade é um natal glorioso. Ainda cascadeamos, ainda nos despenhamos, e ainda concentramos o nosso valor. Mas o vale da promessa nos espera: e nele desdobraremos toda a nossa grandeza vitoriosa.

O Brasil será magnífico e imorredouro!

AOS ESTUDANTES DO PARANÁ

Na Universidade do Paraná. Curitiba.

17 de novembro de 1916.

Carinhosamente acolhido no seio desta Universidade, agradeço a honrosa animação, que me é dada, nas consoladoras saudações que acabo de ouvir. Protestando a minha gratidão aos ilustres professores desta Casa, peço-lhes vênica para que as minhas palavras sejam especialmente dirigidas aos alunos.

Quando me vejo entre os moços da minha terra, sinto-me precipitado, como por um milagre, fora de mim mesmo e do tempo em que vivo, deslocado da minha idade, arrojado para uma época vindoura: já não me vejo no Brasil de hoje, ainda em formação confusa, mas no futuro em que ele viverá completo e glorioso.

Entre vós, moços do Paraná, ganho a vossa mocidade, tomo para mim a vossa esperança e a vossa coragem, e sinto em vós e em mim o Brasil de amanhã. Obrigado, pelo bem que me faz a vossa amizade; e sede benditos, pela glória que dareis à nossa Pátria.

Permiti que vos dê alguns conselhos de amigo e de irmão mais velho. Não quero pregar-vos patriotismo, por que conheço, pelo nobre clarão que há nos vossos olhos, o incêndio de fé que lavra nas vossas almas. Desejo, porém, avisar-vos que o verdadeiro patriotismo não deve ser impulsivo e cego: deve ser consciente e raciocinante; não deve ser feito somente de crença e de orgulho: deve ser feito também de susto, de sobressalto, de cuidado, e de vigilância.

A nossa vida atual está rodeada de riscos, que, de um momento para outro, podem assaltá-la. Para que sejam conjurados os riscos externos, é necessário que o corpo e a alma de cada Brasileiro se armem de energia e de disciplina, afim de que a conectividade, cimentada de coesão e de consciência, fique imune de qualquer fraqueza, a salvo de qualquer investida de aventura. E para que se anulem os riscos internos, — insubordinação nacional, descrença e apatia, desmando de cobiça individual, desejo mórbido de vencer e subir de pressa, amor exagerado do descanso e do conforto, declive perigoso da tranquilidade para o ócio e da facilidade para o luxo, — é necessário que os homens mais cultos do país, os diretores do povo dêem o exemplo do sacrifício e do desapego das ambições.

Quando entrardes na vida pública, moços de hoje, políticos de amanhã, praticai e ensinai a virtude máxima do homem: o desinteresse.

Foi por falta de desinteresse que muitos e muitos Brasileiros da minha idade, como eu, desertaram durante longo tempo o culto cívico, e esqueceram pelo serviço quase exclusivo da glória individual e da comodidade própria o serviço sagrado da Pátria foi por falta de desinteresse dos cidadãos e dos governos que o Brasil chegou a perder o antigo brilho e a força antiga, com que os nossos maiores o colocaram durante muito tempo na vanguarda de todos os países do continente.

O verdadeiro patriotismo, o patriotismo que deveis compreender e cultivar, é, antes de tudo, a renúncia do egoísmo.

Nada valem os por nós, individualmente. Valem muito, e tudo, pela nossa comunhão. Todos valem, pelo bem que damos à Pátria. Os poetas, que lavram as almas, e os políticos que dirigem os povos, não valem mais do que os agricultores, que aram a nossa terra, e os pastores, que guardam os nossos gados.

Não vos orgulheis do fulgor da vossa inteligência; mas contentai-vos da satisfação inteira que vos der o cumprimento do dever. A virtude é mais natural e mais bela do que o talento. A bondade é mais espontânea e mais fecunda do que a sabedoria. Nem todos os homens são capazes de ter gênio; mas todos os homens são capazes de ter honra e misericórdia.

Sede bons, fortes e justos; e abnegai-vos! Devemos todos fluir e desaparecer, com a nossa força e com a nossa abnegação, como os arroios se perdem nos rios e como os rios se dissipam no oceano.

Quando desaparecermos da terra, nela ficaremos, não com os nossos nomes passageiros e com as nossas fisionomias fugitivas, mas com o suor, o sangue, as lágrimas que tivermos deixado sobre este solo, e com os gestos de energia, os atos de nobreza, as palavras de justiça e de ternura que tivermos semeado sobre o grande seio da Pátria, nossa mãe e nossa filha ao mesmo tempo, mãe pela vida que nos deu e filha pelo amparo que recebeu do nosso esforço carinhoso.

Praticai e ensinais o desinteresse! O desinteresse é um maquinador de milagres. Grandes almas, verdadeiras almas, são as abnegadas, que se anulam e dissipam em outras. A alma, que em parte se suicida na vibração de outras, desdobra-se e multiplica-se... Desse desdobramento e dessa multiplicação de corações altruístas é que nascem as grandes pátrias.

Sede bons e justos! E sede, também, serenos, — para que possais desprezar as injúrias e as calúnias, com que os mesquinhos e os maus sempre procurarão

deturpar o vosso pensamento, enlamear a vossa nobreza e infamar o vosso desprendimento!

Vivei, meus amigos, com o coração cheio de fé, com o cérebro cheio de luz, com o corpo cheio de saúde!

Fugi da tristeza e das ambições pequenas; conservai a vossa alegria e a vossa modéstia; e, quando ficardes tristes e desanimados, reagi, e inventai bom humor, ânimo, entusiasmo, nova coragem e nova bondade, para que os vossos amigos se consolem com a vossa companhia e para que os vossos inimigos não se rejubilem com a vossa deserção.

Crede e esperai! Crer e esperar, é querer. Querer, é realizar.

Que Deus e a Pátria vos protejam!

RELAÇÕES INTERNACIONAIS

*Ao Embaixador do Uruguai, no Rio de Janeiro.
22 de dezembro de 1916.*

Senhor Embaixador. Há dois meses, na fronteira meridional do Brasil, tive a fortuna de, num só momento, viver em duas pátrias, pisando ao mesmo tempo a vossa terra e a minha, no sítio em que se tocam a cidade uruguaia de Rivera e a cidade Brasileira de Santana do Livramento.

Há sempre, nas raias das nações, quando duas cidades estranhas se entreolham, um espaço bem definido, assinalando a suspensão das duas soberanias: é, às vezes, uma linha fortificada, aparelho bélico de trincheiras e taludes, de fossos e cortinas de muralhas; é, outras vezes, apenas, a defesa natural, o senhorio determinado por um acidente físico, um curso de água, ou um desfiladeiro entre serras, ou um campo vago, ou um largo caminho ladeado de padrões ou vedado por barreiras levadiças. Não ha, porém, entre o Uruguai e o Brasil, na zona em que se assentam Rivera e Livramento, esse choque sensível, essa lacuna aparente. Ali, — caso único, talvez, na geografia política, — as cidades não se separam, nem se distinguem: confundem-se; e, pelas duas cidades misturadas, os dois países não se embatem: integram-se. Passa por ali uma rua sem hiato, uma só artéria, que se embebe, para o sul, no território uruguaio, e se interna, para o norte, no torrão Brasileiro; a mesma alameda amável reparte o seu préstimo para as duas povoações: as janelas das casas uruguaias devassam os lares Brasileiros, e a vida doméstica dos nossos prédios espia a intimidade dos penates do Uruguai. Desta singularidade limítrofe resultam raridades sociais. Na existência dessas duas cidades há fenômenos, que lembram os da difusão dos líquidos no domínio da física. Estabelecem-se, assim, na divisa, correntes constantes de comércio, de família, de costumes, — endosmose e exosmose, em que se baralham direitos de propriedade e residência, e em que se combinam os distintivos das duas raças, — a tal ponto, que até as duas línguas reciprocamente se tingem de fortes laivos de estrangeirismo, dando ao falar e ao escrever dos habitantes cercãos um ar de novo dialeto, um pouco bárbaro, mas saboroso...

Há dois meses, visitando aquele confim, procurei fixar-me no ponto preciso, em que acaba o Brasil e começa o Uruguai. A mesma paisagem risonha, aquém e além, seduzia o meu olhar, — os mesmos cerros e os mesmos campos, os mesmos plátanos, a mesma arquitetura das casas; além e aquém, o meu ouvido percebia o zoar do mesmo dizer, em que havia de mistura o quebro voluptuoso do castelhano e a harmonia grave e máscula do português; abrindo os braços, eu podia abarcar num gesto as duas nacionalidades; e um dos meus pés calcava o solo que era meu, enquanto o outro se firmava sobre o chão alheio... Mas

senti bem, naquele momento, Sr. Embaixador do Uruguai, que aquele chão alheio era também meu, tão amigo era o afago que ele dava ao meu pisar...

E também senti, então, quanto é bela e doce a paz entre as nações, e quanto ela é fácil, quando, fortes e seguras de si mesmas, livres e modestas, querendo contentar-se com o que possuem, defendendo o seu direito e venerando o das outras, podem as nações fiar-se das outras, e umas das outras enobrecer-se.

Deveis conhecer, Sr. Embaixador, e certa mente conheceis o verdadeiro e sincero pacifismo do Brasil: qualquer quebra deste propósito e deste programa do povo Brasileiro seria o desmentido de todas as suas tradições! e uma aberração da diretriz racional dos seus destinos. Mas paz e amizade: e não há boa e sólida amizade, que se não faça de afeto e de respeito; e não é possível o respeito mútuo, quando não existe o respeito próprio, que nasce da consciência da própria forças As nações pacíficas, como a vossa e a nossa, quando se armam, querem apenas manter e desenvolver a sua saúde própria, e apurar esse pundonor nacional, que é a garantia indispensável para a concórdia internacional.

Senhor Embaixador. Os quartéis da nossa extrema defrontam com os da vossa pátria. Mas os canhões de ambas as guarnições querem, para sempre, apenas, reboar salvas e hinos de amizade, e nunca vomitar vociferações de ódio e nuvens de morte. Estas afirmações de amor, que já várias vezes ouvistes do Governo do Brasil, é justo que ainda aqui as ouçais, da alma Brasileira, desta sociedade que vos olha com ternura, deste povo que vos acolheu com entusiasmo. E acreditai que esta estima não é somente nutrida, no Brasil, pela vossa pátria, mas também pelas outras pátrias americanas, e por todas as outras do mundo, que saibam e queiram respeitar-nos e amar-nos.

Esta saudação, porém, é especialmente dirigida à linda e admirável nação que representais.

O Uruguai é lindo e admirável, nos limites do seu pequeno território e na curta idade de sua vida de nação autônoma. O trabalho e a justiça, a força e a graça, o pensamento e a beleza, o heroísmo e o ideal animam esse torrão bendito. Montevideú, que resume e retrata todo o país, é ao mesmo tempo um ninho e um baluarte, um sorriso e uma energia. Aquela metrópole clara e alegre, inteligente e perfumada, cheia de frescos jardins e deliciosas vivendas, e famosa pela incomparável formosura de suas flores e de suas mulheres, é aquele mesmo reduto da liberdade e da bravura, refúgio de oprimidos, que, durante mais de nove anos, resistiu ao cerco de uma tirania cruel...

O Brasil ama e admira, Sr. Embaixador, o vosso país; e, além dos motivos de verdadeira imparcialidade, que nos impõem este apreço, há ainda alguma

cousa, que nos obriga a este carinho: a frequência dos atos de enternecedora cortesia e as claras demonstrações com que o povo uruguaio tem sabido compreender e avaliar a estatura moral do nosso grande Rio Branco. Rio Branco é, para nós, um patrimônio sagrado: quem enaltece o nome de Rio Branco encanta e cativa o coração do Brasil.

A minha voz não sai somente da sociedade do Rio de Janeiro, aqui reunida: sai de todo o país, desta boa terra e deste bom povo, que querem viver com a honra, prosperar pelo trabalho, enriquecer com a paz, fortalecer-se para a bondade, contemplando sem inveja o progresso alheio, aplaudindo e abençoando todas as nacionalidades que prezam a sua liberdade e praticam a religião da justiça humana.

Desejo que esta embaixada leve esta saudação de todo o Brasil a todo o Uruguai, a todos os seus pensadores e agricultores, a todos os seus poetas e operários, a todos os seus filhos ilustres e humildes, que trabalham pela glória da América e da Civilização.

A DEFESA NACIONAL

(Conferência pública realiza da no Rio de Janeiro, no Rio Grande do Sul e no Paraná.)

Nesta conferência não há idéias novas, nem opiniões originais. Vou expor com franqueza e simplicidade, sem literatura, sem eloquência, o que os bons livros ensinam, o que encontrei nos melhores estudos e ensaios sobre o assunto, e o que está na consciência de todos os homens de cultura moral, de patriotismo e de boa fé. Sendo este um trabalho de vulgarização e devendo ser apertado em poucas páginas o tema, evito citações e notas de bibliografia; lealmente declaro que a minha exposição é um mosaico de contribuições de diversas procedências, adaptadas às condições especiais do nosso meio.

Desejo compendiar, numa linguagem singela, os intuitos da Liga da Defesa Nacional, que fundamos, e pretendo definir o que é “a defesa nacional”. E não sei se conseguirei dar com bastante clareza esta definição. O problema é imenso e complexo. Já disse, na sessão da instalação da Liga, que a defesa nacional é tudo para a nação: “É o lar e a pátria; a organização e a ordem da família e da sociedade; todo o trabalho, a lavoura, a indústria, o comércio; a moral doméstica e a moral política; todo o mecanismo das leis e da administração; a economia, a justiça, a instrução; a escola, a oficina, o quartel; a paz e a guerra; a história e a política, a poesia e a filosofia; a ciência e a arte; o passado, o presente e o futuro da nacionalidade.” Para tudo isto definir e explicar, seria indispensável um longo e completo curso de conferências. Vou apenas indicar os pontos gerais do problema, e grifar somente algumas linhas.

A defesa nacional, como a queremos compreender, não está organizada. Está claro que, se queremos organizai-a desde já, não é porque vejamos, sobre o nosso país, perigos *imediatos*. Mas a boa e verdadeira defesa deve ser preventiva. Se não há perigos imediatos que nos cerquem, há incontestavelmente sempre perigos latentes, próximos ou remotos, prováveis ou ao menos possíveis, que ameaçam constantemente todas as nacionalidades, ainda as mais sólidas, fortes e armadas: nada é per feito nem eterno, na contingência da vida humana. Se este dever de defesa é imprescindível para as nacionalidades mais bem organizadas, — mais imperiosas e mais urgentes devem ser a sua consciência e a sua necessidade para o Brasil, país novo, agitado por um confuso e melindroso labor de formação, pobre de trabalho bem encaminhado, pobre de recursos bem explorados, pobre de instrução primária, profissional e cívica, pobre de coesão, pobre de culto patriótico. Rodeiam-nos perigos externos e internos: e todos eles ameaçam a nossa independência e a nossa unidade. Se queremos viver, e viver com fartura, liberdade e honra, é necessário que nos defendamos.

Há pouco mais de dois anos, na Europa, quase todos os homens de pensamento acreditavam que a guerra, naqueles tempos de intensa e nobre propaganda de pacifismo, seria um sonho de realização impossível, um absurdo pesadelo. Os fatos desencantaram esta esperança. Toda a Europa está ensopada em sangue. Rasgaram-se tratados, anularam-se convenções e amizades, violaram-se fronteiras, talaram-se campos, arrasaram-se cidades, aniquilaram-se pátrias. Milhões de lares estão desertados e enlutados... Como se desencadeou esta guerra, e como se desencadearam todas as outras guerras que já ensanguentaram a Terra? Por amor da glória, por amor da fama, ou apenas por simples e bárbaro instinto sanguinário? Não, de certo. O que está convulsionando o mundo é o amor da conquista de terras e de mares, o amor da expansão do comércio, o amor do interesse utilitário. E poderemos acreditar que o Brasil, este imenso país de solo fértil e de ricas entranhas, ainda despovoado e desarmado, fique sempre, graças ao acaso, ou ao benefício da Providência Divina, imune de qualquer investida da ambição ou da necessidade comercial? Tal é o perigo externo, próximo ou remoto, sempre possível. O outro perigo, iminente, o interno, é a quebra da unidade: o depauperamento do caráter, o definhamento do patriotismo consciente, a míngua de instrução, o acúmulo dos erros das más administrações, o império das cúbicas individuais, e a triste indiferença em que vegeta a maior parte da população.

Impõe-se a defesa. Defendamo-nos!

Quem quer viver defende-se. Que, é a vida, senão um constante combate? Todo o organismo, que se não defende, enfraquece-se e elimina-se. De modo que a idéia da defesa é inseparável da idéia da vida. Sendo a luta uma condição essencial biológica e social, também essencial é a condição da defesa. Este dever defensivo é primordial em todos os entes vivos. Todos nós, homens e plantas, pedras e insetos, astros e micróbios, todos nós nos defendemos, porque queremos viver. Não sabemos porque nascemos, vivemos e morremos; não sabemos de onde vimos, nem sabemos aonde vamos. Mas, já que nascemos, é necessário que viva mos, é necessário que não morramos antes do tempo, estupidamente, sem proveito e sem beleza.

Consciente ou inconsciente, raciocinante ou instintiva, esta proteção própria é uma lei irrevogável, para o mineral, para o vegetal, para o animal, para o homem, para a família rudimentar, para o acampamento nômade, para a tribo elementar, para a sociedade organizada.

Assim, a defesa nacional é apenas a continuação, o corolário da defesa individual. Tudo, neste dever, se resume. A princípio, nos mais baixos degraus da escala animal, a conservação é unicamente física: o organismo, governado pela fome, defende-se, e, para de fender-se, ataca. Mas, à medida que se

ascende a maravilhosa série dos elos da corrente, a dignidade e a poesia, a nobreza moral e o brio fortalecem e espiritualizam o esforço. Já não é somente a conservação que se defende. Defende-se também a honra. A nação não se arma unicamente para proteger a sua alimentação coletiva, as suas searas, as suas usinas, os seus negócios, os seus gados, os seus celeiros; arma-se também, para proteger o seu território, a sua possessão material e moral, a memória dos seus maiores, a religião dos seus lares e dos seus templos, as relíquias das suas tradições, o tesouro da sua língua e da sua poesia, o culto do seu passado, o seu nome de nação. Desgraçado o animal inferior ou superior, que não pode defender e conservar a sua nutrição! E desgraçado o país, que não pode defender e conservar a sua liberdade e o seu trabalho, e, com a sua liberdade e o seu trabalho, a sua honra!

Como deve ser a defesa, no indivíduo e na coletividade, em todo e qualquer organismo vivo? “A defesa, para ser profícua, deve ser diligente, atenta, resistente, vigilante e progressiva. Deve ser diligente: o ócio é a estagnação; a preguiça é um declive fatal para a morte. Deve ser atenta: um minuto de descuido pôde acarretar um desastre irremediável. Deve ser resistente: a resistência fortalece o organismo que se defende, e enfraquece o outro organismo que ataca. Deve ser vigilante: um minuto de atraso na conservação própria é um adiantamento para a conservação alheia; a vida é curta, e todos os momentos da sua duração são preciosos. E, enfim, deve ser progressiva: quem pára, morre.”...

Ora, não há organismos inferiores ou superiores individuais ou sociais, incapazes de força, de defesa e de progresso. Todos os fisiologistas e sociologistas professam que todos os organismos vivos, — indivíduos e sociedades —, possuem sempre uma energia própria, pequena ou grande, fraca ou forte; e todos eles têm a tendência natural para alcançar o máximo do produto ou rendimento da sua própria energia. Para alcançá-lo, como? Pela educação metódica, e progressiva, pela ginástica física e moral. O indivíduo alcança facilmente o máximo da sua força e da sua destreza, pelo trenó. Para que se faça o adestramento do organismo social, é preciso que todos esses máximos individuais não se percam egoisticamente. É necessário, para o bem comum, que todos esses esforços próprios e aperfeiçoamentos pessoais se conjuguem para o esforço geral, para o aperfeiçoamento da comunhão. O melhoramento de cada um deve ser uma parcela do todo. Assim, pela coesão, pela unidade, pelo civismo, se faz a defesa nacional.

Insistamos. Não há homens irremediável mente fracos, e não há povos irremediável mente fracos. Em certos pontos do Brasil, — em muitos pontos, infelizmente! — o aspecto do homem do sertão é miserável e triste: corpo emagrecido, pele sem cor, artérias sem sangue, olhar apagado, organismo depauperado, alma sem força, vontade abolida, cérebro sem luz. É uma sombra

de homem. Por que? porque esse homem não se alimenta, não trabalha, e não pensa. Um punhado de farinha, a aguardente, o tabaco, a ociosidade não dão músculos, sangue, vontade, consciência. A má alimentação, má e pouca, o álcool, os narcóticos, a inércia, a apatia não fazem homens: fazem autômatos, espectros, nada. Mas dai a esse homem fraco e desanimado uma boa alimentação, trabalho, exercício, instrução, — e ele será tão bom como qualquer dos homens mais fortes das mais fortes nações do mundo. Será um ente nobre e consciente, forte e valente, honrado e generoso, — e, no momento necessário, um herói. Dizem que no Brasil não pode viçar uma nacionalidade perfeita, porque não temos uma raça já acabada e um clima excelente... Não acrediteis no que dizem esses pobres professores de uma ciência falsa, maníacos do feiticismo científico, que é mais ridículo e mais funesto do que o fanatismo religioso. Essas invenções de influência de meio, de clima, de raça, são todos os dias desmentidas pela evidência dos fatos e dos acontecimentos. Todas as raças são boas para o trabalho e para a felicidade; todos os climas são bons para a cultura humana; todos os meios são bons para o exercício do pensamento e da vontade. Atendendo ao caso particular do Brasil, lembremos que foram os nossos mestiços que, em grande parte, na época colonial, fizeram a exploração e a defesa do território do país: e, durante a época do Império, sustentaram com a sua bravura e o seu sangue as guerras do sul; e, ainda agora, estão desbravando as regiões brutas do Acre...

Poderemos acreditar que esta mistura de raças seja incapaz? Quanto ao clima, lembremos que as zonas tropical, sub-tropical e temperada da Terra, em que está situado o território do Brasil, são as mais aptas para o desenvolvimento e para a felicidade da espécie humana.

A ciência, a higiene, a medicina, a bacteriologia, já descobriram o preventivo e a cura de todas as doenças tropicais e intertropicais. Poderemos acreditar que, neste clima, o nosso povo seja incapaz de engrandecer-se e enobrecer-se?

E, se não há no Brasil hostilidades naturais insuperáveis, de raça e de clima, que não possam permitir o nosso progresso, — também não houve no decorrer da nossa vida nacional erros sem remédio, nem crimes sem perdão, que tenham inquinado para sempre a nossa história. Ao contrário, a nossa história é limpa e nobre. Enquanto o Brasil foi colônia, os Brasileiros de então foram sempre bravos e leais. Quem expulsou daqui os franceses e os holandeses? os libertadores da colônia foram, em sua maior parte, Brasileiros legítimos, nascidos e criados aqui, asseguradores do domínio português. A nossa independência não foi adquirida à custa de traições nem de crueldades: nunca se viu, em terras americanas, uma luta pela autonomia nacional menos ensanguentada, menos brutal, do que a que sustentamos. As guerras, que mantivemos depois da independência, nunca as movemos por delírio de grandezas, nem por interesseiras cúbicas: o nosso povo, em lutas externas,

derramou o seu sangue apenas para "libertar e desoprimir outros povos. E, quanto às nossas lutas internas, se as cotejarmos com os longos e terríveis abalos civis que perturbaram todos os outros países da América, é força proclamar com orgulho que elas não passaram de curtos e quase inofensivos acidentes da nossa história.

A nossa única mancha foi a escravidão. Mas, como Brasileiros, não podemos envergonhar-nos de uma culpa que não foi nossa. Aceitamos, sem remédio possível, essa desgraçada fatalidade; e, quando pudemos debelá-la, a redenção foi instantânea e radical. Ai de nós! o nosso erro e o nosso crime não foi, em si mesma, a escravidão. O nosso erro e o nosso crime foi a incapacidade dos governos, não permitindo que, libertando a raça mártir, lhe déssemos imediatamente a assistência da instrução e a organização do trabalho... Mas isso pode ser, e há de ser, se o quisermos, resgatado e reparado. Nunca é tarde para distribuir a justiça e para praticar o bem. E, se estamos aqui, se aqui nos esforçamos, é justamente para isso que trabalhamos.

Repitamos. Todo o Brasileiro pode ser um admirável homem, um admirável soldado, um admirável cidadão. O que é preciso é que todos os Brasileiros sejam educados. E o Brasil será uma das maiores, uma das mais formidáveis nações do mundo, quando todos os Brasileiros tiverem a consciência de ser Brasileiros.

Para isto, organizemos desde já a defesa nacional.

Para a defesa nacional, a coesão é indispensável, a disciplina é imprescindível. A verdadeira defesa nacional é a consciência nacional. É a noção perfeita, é a perfeita existência da Pátria.

Há homens sem pátria. Ou, pelo menos, há homens que se dizem sem pátria. São monstros morais, ou, no melhor caso, gracejadores levianos. É possível que um homem normal e digno possa negar a necessidade da idéia da pátria? É possível que um homem de boa fé, nestes duros tempos de desenfreada guerra desgraçando todo o mundo, possa acreditar na possibilidade de uma perfeita harmonia entre todos os povos da terra?

“Os sem pátria dizem que não são cidadãos de uma pátria, porque preferem ser cidadãos da humanidade. Enevoadas e empoladas ex pressão, vazias de sentido! Ridícula e estúpida profissão de fé, oca de significação! Onde está essa sonhada confederação dos Estados do mundo, ou sequer dos Estados da Europa? Auto pia é bela; mas, para que a aceitemos, é necessário que ela se realize. E porque não querem os inimigos do patriotismo levar a sua teoria ao extremo? Em vez de dizer: “somos os cidadãos da Terra!”, devem dizer: “somos cidadãos do nosso sistema planetário!”, ou, “somos cidadãos do Universo!”. Foi talvez o

grande Kant quem pela primeira vez agitou esta formosa ficção da confederação do mundo. Mas, depois de sonhar a utopia, Kant escreveu textualmente: “Um dia virá, segura mente, em que se constituirão os Estados Unidos da Europa; porém, até essa Bendita época, todo o povo deve ter a sua mão sobre o punho da espada; senão, ele se arriscaria a desaparecer antes do grande dia.”

Negar a pátria é negar toda a vida social e moral. A pátria é um elo, que se liga, intermediariamente, com estes dous outros elos: a família e a humanidade. Negar um dos anéis, é negar os outros. Quem não concebe a idéia da pátria não concebe a do lar, nem a da solidariedade humana. Sem pátria e, portanto, sem família e sem sociedade, o homem anula-se. Que é a pátria? “É a paridade de gostos e de costumes, comunidade de língua, coesão de leis, identidade de condições físicas e morais, comparticipação das mesmas lembranças e das mesmas esperanças.” Quem não compreende nem sente esta tendência e esta necessidade moral não tem alma.

Para que haja pátria, é necessário que haja consciência, coesão e disciplina. Mas, para que isto exista, é necessário que haja instrução, intensa e extensamente disseminada, fácil e gratuitamente, distribuída, constante e sabiamente dirigida. Não trato de instrução secundária e superior. Trato apenas da instrução elementar, daquela que se deve dar a todos os homens do povo, com a higiene do corpo e da alma, e com a capacidade para trabalhar e viver, se não com fartura, ao menos com o necessário e a dignidade. Com a higiene do corpo e da alma, a instrução primária, cívica e militar; com a capacidade para o trabalho, a instrução profissional. É necessário, enfim, para que haja pátria, que haja cidadãos.

Mas, que é “cidadão”?

“Há na multidão das criaturas humanas, que povoam um país, quatro categorias, progressivamente restritivas: 1 - todos os habitantes ou residentes, englobadamente compreendidos; 2 - entre os habitantes, os homens adultos, que já têm a idade e a capacidade jurídica tendo o direito de voto; 3 - entre os homens adultos, aqueles a quem chamaremos verdadeiramente “homens”, isto é, aqueles que já chegaram a um certo grau de desenvolvimento intelectual, com a consciência da sua razão, dos seus direitos e dos seus deveres; e, enfim, 4 - entre os verdadeiros “homens”, os “cidadãos”, aqueles que, investidos de completa cultura intelectual e moral, tendo elevação de espírito, sendo capazes de sobrepor-se aos interesses próprios, aos interesses partidários de classe ou de campanário, podem destinar-se à sagrada missão de governar e dirigir a multidão.”

No Brasil, quantos verdadeiros cidadãos, neste limitado e rigoroso sentido, existirão?

Nem façamos o cálculo! Para que nos encha de tristeza e de terror o espetáculo moral da nossa educação, basta que verifiquemos a formidável percentagem dos nossos “não-homens”, dos nossos analfabetos e inconscientes. As últimas estatísticas organizadas sobre a instrução dão desânimo e desesperação: em todo o Brasil, de 1.000 habitantes em idade de cursar escolas primárias, em 1907, somente 137 estavam matriculados, e somente 96 frequentavam as aulas; para 10.000 de todas as idades havia somente 6 escolas, com 7 professores, com 294 alunos de todas as idades,—o que quer dizer que englobadamente, estimando-se toda a população, a relação de todos os alunos era de 29 por 1.000. Quanto à instrução profissional, propriamente dita, destinada a fins artístico-liberais, artístico-industriais, agrônômicos, náuticos e comerciais, havia apenas no Brasil 75 institutos! Reparaí bem: a Diretoria Geral de Estatística, em documento oficial, acaba de declarar que, em matéria de analfabetismo, isto é: em matéria de incapacidade cívica e moral, de inconsciência, de animalidade vergonhosa, a nossa pátria está superior a quase todas as nações da Europa e da América. Se é que pode haver alguma superioridade na vergonha e na ignomínia!

Não podemos mais perder tempo! Esta mos sendo arrastados para a ruína. Defendamo-nos!

É inconcebível a vitória de uma democracia sem a instrução da massa pública. Estabelecemos a República; mas pode viver dignamente uma República, uma pátria Republicana, quando a maior parte dos seus filhos seja de analfabetos, e, portanto, de inconscientes? Incluímos no número das nossas datas nacionais o “14 de julho”. Mas esquecemos que a Assembléia Constituinte Francesa, em 1789, na “Declaração dos Direitos do Homem”, proclamou: “A instrução é uma necessidade para todos; a sociedade deve favorecer os progressos da razão pública, e pôr a instrução ao alcance de todos os homens.”

É este, do nosso programa, o ponto primeiro, que devemos resolver para a nossa defesa nacional. E, com a instrução primária, a instrução profissional. Segundo ponto. Estamos ainda sofrendo, e cruelmente sofrendo, desta imprevidência dos nossos maiores, imprevidência herdada, e agravada pela indiferença, pelo egoísmo e pela funesta politicagem das últimas gerações e da atual: a falta de organização do trabalho. Mas não é tudo, isso. A instrução não é completa, quando se refere unicamente à ciência e à arte, à inteligência e ao trabalho. São indispensáveis também a saúde do corpo e da alma, a força corporal e a disciplina. Terceiro ponto: a instrução militar.

Precisamos de instrução militar e de exército nacional, para a defesa do nosso território e da nossa civilização, e para a defesa individual do organismo físico e moral de cada Brasileiro. Precisamos de exército nacional, mas não do exército

nacional que hoje temos: queremos um exército verdadeiramente nacional, sendo a própria nação com posta de cidadãos-soldados, em que cada Brasileiro seja o próprio exército e o exército seja todo o povo.

Todos têm medo do militarismo, no sentido da preponderância da classe militar, na significação de despotismo militar. Tenho também medo disso, e mais do que medo: profundo horror e profunda aversão. Mas as condições essenciais para a existência de qualquer despotismo são a ignorância e a indiferença da massa do povo. Não há povo nenhum, instruído, cívica e militarmente instruído, que suporte qualquer despotismo. Quando o nosso Exército for - verdadeiramente nacional, não haverá no Brasil classe militar. Não queremos ter um exército mercenário ou assoldado, o que diminui o valor do soldado e da nação. Não queremos tampouco um exército propriamente profissional em toda a sua hierarquia, profissional desde o general até o soldado raso. Queremos um exército democrático de defesa nacional. Queremos que não haja soldados profissionais; ou, melhor, que haja unicamente alguns profissionais, os oficiais de investidura profissional, os que sejam sacerdotes fardados, os educadores, os professores normais do grande exército sem profissão militar. Profissionais devem ser os diretores do quartel democrático e livre, e essa profissão deve ser cercada de todo o prestígio, de toda a garantia, e de um caráter sagrado. Medo do militarismo? mas quando todos os cidadãos forem soldados, ninguém terá medo de soldados; por que seria infantil e irrisório que todos os cidadãos tenham medo de si mesmos, das sobras de si mesmos.

O nosso sonho, o nosso desejo será isto, que espero, será uma realidade. O exército nacional será um laboratório de civismo: uma escola de humanidade, dentro do patriotismo; uma escola de energia social, começando por ser uma escola de energia nacional. Ambicionamos que todos os Brasileiros passem pelo quartel, revezando-se; que cada um dê ao menos um ano da sua vida ao serviço da vida da pátria. E não queremos somente o quartel. Queremos que dentro de cada quartel haja uma aula primária; e que ao lado de cada quartel haja uma aula profissional. Ao cabo do seu tempo de aprendizado cívico, cada homem será um homem completo, um cidadão, com a sua inteligência adestrada, com a sua capacidade armada para o trabalho, com a sua consciência formada, com os seus músculos fortalecidos, com a sua alma enobrecida. No quartel, cada homem encontrará a sua completa cultura indispensável.

O que é preciso e que esses homens encontrem no quartel oficiais dignos, capazes, entusiastas, moços, ardentes, que sejam exclusivamente oficiais, isto é: educadores e disciplinadores, adorando a sua profissão, limitando toda a sua energia e a sua fé ao exercício da sua missão, unicamente oficiais e essencialmente Brasileiros, afastados das lutas partidárias, religiosas ou políticas, porque qualquer partidarismo diminui o valor moral do oficial...

Creio, senhores, que o que já disse basta para que fique demonstrado que não sou militarista, e que não somos militaristas todos os que fundamos a Liga de Defesa Nacional. E é bom ainda que categoricamente afirmemos que somos pacifistas, sinceramente pacifistas.

Que motivo — que ambição de glória ou de conquista, de expansão territorial ou comercial, de necessidade ou de orgulho, pode riar arrastar-nos à guerra? Toda a nossa história atesta o pacifismo do Brasil até hoje. E a diretriz racional da nossa vida indica e impõe o pacifismo do Brasil no futuro. O maior homem da vida contemporânea Brasileira, o Barão do Rio Branco, que sempre amou as nossas tradições militares, e sempre defendeu a necessidade da nossa força militar, foi um ardente e irredutível pacifista. Foi ele quem definiu com tratados de precisão geográfica os nossos limites territoriais e com tratados de amizade, de extradição e de comércio as nossas relações políticas com a maior parte dos países da América e da Europa. Quem ideou e executou esta obra de paz não podia deixar de ser um pacifista. Queremos ser pacifistas como Rio Branco. Apoiaremos e defenderemos sempre o artigo da nossa Constituição, que impede toda e qualquer veleidade de conquista. Sim! Sejam e seremos pacifistas, e contrários a tendências para guerras *ofensivas*. Mas preparemos e aceitemos com calma e com força toda e qualquer guerra *defensiva*, que possivelmente nos seja imposta. O pacifismo é sagrado e nobre. Mas que o pacifismo não seja a ausência da honra, a abolição do brio! A guerra é um mal, um mal horrível, um mal abominável. Mas, quando a guerra é “um fato”, como poderemos dissipá-la diante de nós? Antes a guerra, do que a perda da independência e a perda da dignidade!

Agora, um reparo. Para que haja pátria, disse eu, é necessário que haja unidade, e coesão. Dentro desta necessidade, é claro, podem entrar todos os credos políticos e religiosos. Só não pode entrar aqui a absoluta e absurda ausência de todo o credo... Quando falamos do Brasil, falamos do Brasil superior a todos os partidos: do Brasil só e puro, essencial e íntegro, abstrato e concreto, sagrado e indiviso; o Brasil acima, além, fora das opiniões individuais ou de facções. Pessoalmente, sou Republicano, fundamentalmente Republicano. Mas respeito as opiniões de todos os sinceros. Podem os meus ir mãos ser monarquistas, Republicanos, conservadores, liberais, radicais, unitários, federalistas, parlamentaristas, católicos, protestantes, positivistas, livres-pensadores — contanto que não quebrem, com a anarquia e a violência, a unidade da família e a indispensável existência da Pátria. Digladiem-se os partidos! mas que o Brasil fique acima da peleja; que a bandeira fique superior as tabuletas das facções! Sejam todos os Brasileiros sinceros e patriotas: é quanto basta. Só não compreendemos nem aceitamos os anarquistas sem fé, os negativistas da necessidade da pátria, os ironistas sem piedade, os motejadores sem consciência, os egoístas de ignóbil “arrivismo”. Venham para nós todos os

Brasileiros que sintam dentro dos seus peitos o Brasil! A grande Pátria aceita todos os credos: só não aceita os que em nada crêem.

Senhores, o que deixo sem ser dito, nesta conferência, é todo um mundo de idéias. Depois de mim, outros pregadores da boa palavra, mais fortes e mais felizes do que eu, esgotarão o assunto.

Separemo-nos hoje, com a mais viva esperança da conquista completa e fulgurante do que procuramos empreender e realizar: o ideal de uma pátria ativa e unida, povoada de cidadãos modestos e dignos, homens bravos e generosos, briosos e justos. Sejam fortes, para que sejam bons: de modo que o Brasil, sendo já uma maravilha do mundo pela sua formosura natural, venha ser uma glória da civilização humana, pela sua ordem, pela sua energia, e pela sua misericórdia.

BIOGRAFIA

Olavo Bilac (O. Braz Martins dos Guimarães B.), jornalista, poeta, inspetor de ensino, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 16 de dezembro de 1865, e faleceu, na mesma cidade, em 28 de dezembro de 1918. Um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras, criou a Cadeira nº. 15, que tem como patrono Gonçalves Dias.

Eram seus pais o Dr. Braz Martins dos Guimarães Bilac e D. Delfina Belmira dos Guimarães Bilac. Após os estudos primários e secundários, matriculou-se na Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro, mas desistiu no 4º ano. Tentou, a seguir, o curso de Direito em São Paulo, mas não passou do primeiro ano. Dedicou-se desde cedo ao jornalismo e à literatura. Teve intensa participação na política e em campanhas cívicas, das quais a mais famosa foi em favor do serviço militar obrigatório. Fundou vários jornais, de vida mais ou menos efêmera, como A Cigarra, O Meio, A Rua. Na seção “Semana” da Gazeta de Notícias, substituiu Machado de Assis, trabalhando ali durante anos. É o autor da letra do Hino à Bandeira.

Fazendo jornalismo político nos começos da República, foi um dos perseguidos por Floriano Peixoto. Teve que se esconder em Minas Gerais, quando freqüentou a casa de Afonso Arinos em Ouro Preto. No regresso ao Rio, foi preso. Em 1891, foi nomeado oficial da Secretaria do Interior do Estado do Rio. Em 1898, inspetor escolar do Distrito Federal, cargo em que se aposentou, pouco antes de falecer. Foi também delegado em conferências diplomáticas e, em 1907, secretário do prefeito do Distrito Federal. Em 1916, fundou a Liga de Defesa Nacional.

Sua obra poética enquadra-se no Parnasianismo, que teve na década de 1880 a fase mais fecunda. Embora não tenha sido o primeiro a caracterizar o movimento parnasiano, pois só em 1888 publicou Poesias, Olavo Bilac tornou-se o mais típico dos parnasianos brasileiros, ao lado de Alberto de Oliveira e Raimundo Correia.

Fundindo o Parnasianismo francês e a tradição lusitana, Olavo Bilac deu preferência às formas fixas do lirismo, especialmente ao soneto. Nas duas primeiras décadas do século XX, seus sonetos de chave de ouro eram decorados e declamados em toda parte, nos saraus e salões literários comuns na época. Nas Poesias encontram-se os famosos sonetos de “Via-Láctea” e a “Profissão de Fé”, na qual codificou o seu credo estético, que se distingue pelo culto do estilo, pela pureza da forma e da linguagem e pela simplicidade como resultado do labor.

Ao lado do poeta lírico, há nele um poeta de tonalidade épica, de que é expressão o poema “O caçador de esmeraldas”, celebrando os feitos, a desilusão e morte do bandeirante Fernão Dias Pais. Bilac foi, no seu tempo, um dos poetas brasileiros mais populares e mais lidos do país, tendo sido eleito o “Príncipe dos Poetas Brasileiros”, no concurso que a revista Fon-fon lançou em 1º de março de 1913. Alguns anos mais tarde, os poetas parnasianos seriam o principal alvo do Modernismo. Apesar da reação modernista contra a sua poesia, Olavo Bilac tem lugar de destaque na literatura brasileira, como dos mais típicos e perfeitos dentro do Parnasianismo brasileiro. Foi notável conferencista, numa época de moda das conferências no Rio de Janeiro, e produziu também contos e crônicas.

Fonte:

Academia Brasileira de Letras